



CADERNOS DE EDUCAÇÃO
POPULAR **19**

**Porque a vida...
Viver é um
compromisso**

JORGE VICENTE MUÑOZ (Org.)



Nova

**Cadernos de Educação
Popular 19**

**Porque a vida...
viver é um
compromisso**

O povo da rua fala de si mesmo

Jorge Vicente Muñoz (Org.)



Petrópolis
em co-edição com

Nova

Pesquisa e Assessoria em Educação
Rio de Janeiro
1991

© 1991, NOVA – Pesquisa e Assessoria em Educação
Rua Barão do Flamengo, 22/803
22220 Rio de Janeiro, RJ
Brasil

Direitos de publicação:
Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25689 Petrópolis, RJ

Copidesque
NOVA

Diagramação
Daniel Sant'Anna

As fotografias, aqui inseridas, foram cedidas por Regina Maria Manoel, da Comunidade de Sofredores de Rua, e por Alderon Pereira da Costa, do Centro de Documentação e Comunicação dos Marginalizados/SP.

ISBN 85.326.0701-2



Este livro foi composto e impresso nas oficinas gráficas da Editora Vozes Ltda.
em outubro de 1991.

Sumário

Apresentação, 7

I. A fala de um grupo de sofredores de rua, 9

1. A vida do sofredor de rua, 10
2. Percursos que desembocaram na rua, 14
3. Mantêm alguma esperança?, 15
4. A Comunidade dos Sofredores de Rua, 16
5. Valores e vivência: em busca da vida, 18

II. Já estive e consegui sair, 23

1. Rua: caminhos de chegada e de saída, 23
2. E a Comunidade, serve para quê?, 30
3. Relações entre quem esteve e quem está na rua?, 33
4. A Comunidade mais uma vez, 36

III. Uma experiência entre outras, 38

1. Relembrando o percurso feito, 38
2. A propósito de modelos e da pedagogia, 46
3. O que se quer com esse trabalho, 54
4. O poder público e o povo da rua, 57
5. Questões complementares, 59

IV. Tem sementes que germinam... e dão frutos, 65

1. O catador de papel: mais um discriminado?, 66
2. Na procura de outras relações e condições de trabalho, 71
3. O compromisso com a vida passa pela dignidade, a cidadania, a busca e a luta solidária, 77

Apresentação

A fala de um grupo
de sofredores de rua

O presente caderno abre seu espaço para que grupos do povo da rua falem da sua vida, da sua história, das suas expectativas.

São grupos que mantêm contato ou participam de uma experiência – A Comunidade dos Sofredores de Rua – acompanhada e animada por uma equipe de oblatas beneditinas, na Baixada do Glicério, São Paulo.

Os depoimentos, gravados em outubro-90 e março-91, são mantidos literalmente, inclusive respeitando a vontade dos entrevistados, no tocante à explicitação de seus nomes.

À medida que os interlocutores revelam com coragem e simplicidade suas histórias pessoais, que são sociais, perfilam-se problemas complexos e questões desafiantes que dizem respeito a nossa sociedade, nos seus próprios fundamentos.

Mas, ao mesmo tempo que emergem questões e desafios, fala-se duma experiência que, entre diversas outras, tenta uma resposta.

Os depoimentos de quatro grupos de interlocutores constituem os quatro capítulos da revista. Neles falam as pessoas que atualmente estão na rua, aquelas que já estiveram e conseguiram sair, duas educadoras que participam da Comunidade dos Sofredores de Rua desde sua criação e, finalmente, um grupo de papeleiros, sócios duma cooperativa de catadores, que nasceu da própria caminhada da Comunidade.

Esta publicação faz parte duma pesquisa em andamento na NOVA, através da qual se tenta uma aproximação dos principais valores que referenciam atitudes e comportamentos de grupos da população de rua.

É nossa expectativa que o presente trabalho possa colaborar na reflexão dos problemas vividos por milhares de pessoas que moram nas ruas das nossas cidades, contribuindo assim nos encaminhamentos de respostas adequadas e consistentes.

Jorge Vicente Muñoz



Caminhada do povo da rua pelo centro de São Paulo, durante a XIIIª Missão dos Sofredores da Rua: 05 a 07-09-91.

I. A fala de um grupo de sofredores de rua

Nota Introdutória

Eles nos falam do seu dia-a-dia, da sua história pessoal, das suas expectativas, da comunidade.

Sufrimento e alegria, fantasia e utopia, o real e o imaginário perpassam as colocações e por vezes se misturam.

Procurar nelas uma coerência ou lógica do discurso seria inadequado.

Penso que uma chave de leitura é, no fundo, um existencial compromisso com a vida, com a sobrevivência que, claramente, não se reduz ao material, mas que evidencia como aspecto vital a sobrevivência emocional e afetiva.

Perfilam-se, ao longo das colocações dos sofredores, questões que, no diálogo com os outros grupos entrevistados, serão retomadas de diversas maneiras e sob diferentes pontos de vista.

Aponto algumas dessas questões: fatores que influem para que as pessoas acabem na rua; valores que vigoram entre a população de rua; a sua identidade; condições mínimas de um trabalho em profundidade com esses sofredores; o que seria a chamada recuperação dessas pessoas.

1. A VIDA DO SOFREDOR DE RUA

Jorge – Pessoal, conforme expliquei, vamos bater um papo sobre os sofredores. Nossas colocações, vocês já sabem, irão para uma revista a ser publicada em 91. Bem, que tal se para começar, a gente for se apresentando?

Edmundo – Eu sou de Cuiabá, Mato Grosso, e tô sofrendo aqui em São Paulo, um pouco...

Jorge – Faz muito tempo que você está na rua?

Edmundo – Um bocado, depois... já tive mulhé, separei da mulhé, e depois minha vida atrapalhô... mas depois que conheci este pessoal aqui em São Paulo, eu prefiro mais ficá com pessoal aqui do que ir pra lá, pra minha cidade, porque lá meus irmão briga comigo, e isso até por causa de comida. Então eu venho aqui, aqui uma comida eles divide comigo...

Jorge – Parece que o Washington quer dizer alguma coisa...

Washington – Eu venho do Espírito Santo. Perdi meus pais com 4 anos de idade e depois fui morar com meus parente, tio, minha vó e... nós fomos trabalhá numa roça... a gente plantava milho, feijão, isso e aquilo, a gente vivia do que colhia... Mas houve um imprevisto em casa, problema de parente... sabe?

Jorge – Faz muito tempo que você está na rua?

Washington – Olha, praticamente posso dizê que já vivo no sofrimento desde os 4 anos de idade, porque assim que meus pais morreram eu não tive mais carinho e nem amor de pai nem mãe, já é um começo de sofrimento... De qualquer maneira, eu prefiro viver na rua porque vivo em liberdade.

Maria Isabel – Praticamente Maria Isabel, mas a turma me chama de Isabel. Vivo na comunidade há 10 anos e, graças a Deus, vivo melhor no meio da comunidade do que na casa da minha família...

Jorge – Onde que você nasceu?

Isabel – Leme, São Paulo, mas, graças a Deus, prefiro viver mais no meio dos amigos daqui da comunidade, do que na casa donde vive meu próprio pai. E graças a Deus tô bem, tô com saúde, nunca morri... de fome, como diz a turma, né. Tem pessoal que chama a gente de maloquero, isso e aquilo. Mas a gente não é maloquero não. Às vez anda sujo, porque às vez não tem dinheiro pra comprá um sabão e coisa e tal, mas a gente dá um jeito e anda limpo...

Alonso – Meu nome é Alonso Corrêa de Queiroz, tenho profissão, sô plão, mas trabalho de pedreiro. Me dou com o Washington, porque é sofrêdo igual a mim, com o Goiabão, com a Isabel, com o Eliseu... o marido da Isabel.

Jorge – Alonso, onde você nasceu?

Alonso – Eu sô paraibano, lá de Campina Grande. Tenho irmão aqui...

Jorge – Faz muito tempo que você está na rua?

Alonso – Eu tenho 3 ano que tô na rua, já me acostumei com a turma e com a comunidade também... Então, meu prazer é este. Eu posso começá a trabalhá hoje, se arranjá uns documento aí que eu não tenho, mas se eu arranjá... eu não vou deixá de visitá meus colega da rua.

Jorge – Pessoal, uma coisa que eu gostaria que vocês comentassem é: Como é que é a vida do sofredor? Porque Isabel falou assim: "a gente não é maloquero, é sofredor". Então, como é a vida do sofredor? É muito dura? Como é com as pessoas? Como é com a polícia?

Edmundo – A vida do sofrêdo, é que a gente é desprezado. A gente pede um cigarro, o pessoal manda trabalhá, pede uma esmola manda trabalhá... Mas veja, sofrêdo não tem documento... Tem muitos sofrêdo que mete a mão mesmo, não sabe? Começa a roubá, e depois é ladrão. Mas não é ladrão. Agora, nós somo discriminado: discriminado pela polícia, pela sociedade, classe média, classe alta... entendeu? A gente come um dia, outro dia não come; um dia bebe, outro dia não bebe... A gente bebe sabe por quê? Eu falo pro senhor: a gente bebe... não é até um vício não, é pra escondê a vergonha nossa, certo? Porque nós, certo, nós somo desprezado.

Washington – Bom, apoio a palavra dele, porque o sofredor precisa de um apoio, tanto da classe social quanto da classe média, seja lá do que for, existe uma frase que muita gente diz: "Nós escorregamos numa casca de banana e é obrigado a alguém dar uma mão pra levantá, porque sozinho não tem jeito". Por exemplo, por falta de documentos é reprimido pela polícia, é reprimido também pelos sociais, ninguém dá valor a nós... às vez a gente sente vergonha até de deitá numa rua debaixo de uma marquise...

Edmundo – É obrigado...

Washington – A gente, como ele falou, é obrigado a bebê uma cachaça e esquecer dos problema da vida, esquecer da vergonha e... eu também tô a favor dele, porque a vida do sofredor não é fácil, mas também não é tão difícil. Existe uma coisa que a gente sente vantagem: é a liberdade. Porque na casa dos nosso parente, se quisé tomá uma cachaça não pode. Às vez por causa de um prato de comida até, a gente é reprimido. Óia, acredita que eu seria capaz de chegá na casa de qualquer sofredor, sei que eles não vão me negá um prato de comida, um cigarro, um par de sapato. A gente divide... como se diz, dividir o pão entre nós, como Deus, Jesus Cristo dividiu o pão pra todos nós. Então é isso que acontece entre os sofredor de rua, desde quando seja muito amigos, certo? É certo que há muita violência, mas isso vai também do sofrimento, as pessoas se revoltam um contra o outro. Porque um não entende o outro e cada um sofre mais do que outro.

Jorge – Fala um pouquinho, Isabel: como é a vida do sofredor?

Isabel – A vida do sofrêdo é muito difícil. Dorme na rua... esses cara sem-vergonha vêm... mesmo a gente tando com o marido da gente, eles vêm mexê com a gente. E, pra mim, morá na rua não tá com nada. Tem que arrumá um lugarzinho, um cantinho pra mim dormi ou então ir embora pra casa do meu pai, trabalhá na roça que eu acho muito melhor. A roça é a coisa melhor da vida, a vida no sítio. Meu pai é sítiante, então tem que morá no sítio. Mas por enquanto não tem condições ainda pra mim ir pra roça. Mas se Deus quisé, se Deus ajudá eu inda vô pra roça pra ficar lá com Deus e Nossa Senhora Aparecida.

Jorge – Alonso, você quer dizer alguma coisa sobre a vida do sofrêdor?

Alonso – Concordo com o Washington e com Edmundo. Tem dia que a gente come, tem dia que não come; quando você dá uma coberta pra gente se cobri, vem um e roba, a gente não pode fazê nada. A gente bebe às vez não é tanto porque qué bebê... num frio aí a gente não tem coberta. Bebe uma pra esquentá, pra podê dormi... Tá certo, você tá aqui, fazendo a reunião com nós, você sai daqui vai pra sua casinha. A gente sai daqui vai pra rua.

Edmundo – E na rua tem paulada, facada...

Washington – Os polícia aí dá chute...

Alonso – Mas a gente com fé em Deus vai vencendo a batalha.

Jorge – Alonso, às vezes eu noto que o povo da rua fica distante, afastado das outras pessoas... dos que não são sofrêdores.

Isabel – Mas todos somos...

Alonso – Os que não são sofrêdor? E a gente pede um cigarro e eles diz: vai trabalhá vagabundo!

Washington – Pede um dinheiro e nada! Joga a comida no lixo e num dá pra gente...

Edmundo – Joga a comida, que eu já vi aqui perto da Mesbla, macarronada... ó, um monte de nhoque, joga nhoque, pão e não dá pra gente. A gente pega do lixo pra comê. Até pizza a gente pega do lixo pra comê...

Isabel – Eu já peguei muitas coisa do lixo pra comê... porque a gente tá morrendo de fome, tem que pegá... do lixo!

Alonso – Eu cheguei lá, na Liberdade, pedi um pouco de comida pro cara lá, uma sobra de comida. E o cara diz: a gente não trabaia com comida aqui não! Falou mesmo assim comigo e jogou a comida fora... eu pra comê tive que pegá no saco de lixo...!

Jorge – Acaba de chegar Cinira, uma amiga nossa já faz muito tempo. Cinira, a gente estava conversando aqui sobre quem é o sofrêdor, como é a vida dele.

Então o pessoal começou se apresentando, dando o nome, dizendo onde nasceu, e depois fomos conversando sobre como é a vida do sofrêdor. Você pode falar alguma coisa?

Cinira – Eu já tenho 15 anos de vida de rua e 13 de vivência com a comunidade. Explicá o que que fez eu vim pará na rua é um pouco difícil. Eu vim com aquele desejo de liberdade, de não tê que toda noite tê preocupação de trancá a porta, trancá a janela, de olhá embaixo da cama se tinha gente... Então eu queria uma vida livre. Então, lá da janela da minha prisão eu olhava assim a rua, então eu gritava: Liberdade! Liberdade! Então, foi pra disfrutá desta liberdade que eu vim pra rua.

Jorge – Onde é que você nasceu?

Cinira – Eu sou de Minas Gerais, mas eu fui criada no interior do estado de São Paulo. Eu fui criada burguesmente, sabe, como empregada doméstica na casa de um senador. Tive oportunidade de ir pra Europa, de viajar bastante; mas era uma vida vazia, uma vida sem tonalidade. Ao passo que, quando eu vim pra rua, aí então... eu vi que eu tinha rótulo mas não tinha identidade. Então, na rua, a procura do sofrêdor, ele está vivendo pra procurar exigir o que é direito, a sua identidade, o seu direito de viver livremente numa casa, sem porta, sem janela, mas sem corrente. E essa corrente é a sociedade, que nos escraviza. Então a vida do sofrêdor é uma luta pra rebentar estas correntes. E às vezes, nessa luta pela sobrevivência ele mesmo se agride, ele mesmo se magoa, ele mesmo se machuca. Porque pra se defendê, às vez ele agride o companheiro do lado. E ele agredindo o companheiro do lado, ele também está se agredindo, porque ele tá enfraquecendo a comunidade.

A violência praticada pelo próprio sofrêdor nos tira o direito e a autoridade de lutar contra esta violência geral, que a gente grita, grita, grita! Mas enquanto a gente não dominar a nossa violência, então a gente nunca vai ter força pra lutar contra a violência da sociedade.

Edmundo – Falando em violência: eu aprendi uma coisa, Cinira, por causa disso que o pessoal fala que eu sou violento. Aprendi que a violência combate com violência, se o cara qué me batê eu bato nele! Eu vou apanhá... ô, não! Violência é isso que eu tô falando.

Cinira – Violência tá cheio no meio da rua. No meio da rua é violência contra violência...

Alonso – O sofrêdo não pode agredir outro sofrêdo na rua, por causa que o sofrêdo agride o outro na rua, o outro vem e mata ele, dormindo, dá porrada; já fala com o colega, já vai arranjá inscrição... Então, pra mim, pra andá com sofrêdo é melhor andá tudo em cima da linha...

Edmundo – Não, isso aí eu sei. Mas isso aí, Alonso, a violência na rua com o sofrêdo é cisco, porque todo dia tem violência, bebe e o bicho pega.

Isabel – Esses dia vi um rapaz novo se aproveitando de uma senhora de 70 anos de idade, uma senhora, uma velhinha. Isso eu acho uma grande violência, acho que isso aí não deveria acontecer.

Alonso – A Isabel, o Washington, o Edmundo, a Cinira também chegou a conhecê o Ceará, o Cearazão... Chegou a chegá o Cearazão, por causa de cachaça, de uma dose de pinga, mataram ele lá no Brás.

Edmundo – Ôi aqui, pelo esse poco tempo que eu tô aqui em São Paulo, ... tem muita gente que me admira, que fala: "Edmundo, puxa vida! Quantas socorrência já fiz aí. Passo fome até... chamo uma viatura pra levá sofredor pro hospital, vô junto, socorro, não deixo nenhum sofredô passá... mas tem sofredô que é pilantra com a gente.

2. PERCURSOS QUE DESEMBOCARAM NA RUA

Jorge – Pessoal, eu queria fazer uma pergunta. É o seguinte: por que o pessoal acaba na rua? Tem muita coisa que influi? Digamos: alguns é pela falta de documento, outros, pela falta de trabalho... Tem alguma coisa importante que acaba influenciando?

Edmundo – Se o pessoal achá que tô errado pode até me julgá, certo? Mas a gente acaba caindo na rua por uma fraqueza da gente memo, por causa de família. A gente cai naquela fraqueza... mas uma hora eu sei que a gente levanta. Porque já levantei quantas vez! Mas caí outra vez, mas eu levanto. Tenho fé em Deus, em Jesus Cristo e em Nossa Senhora Aparecida...

Jorge – Alguém quer dizer alguma coisa sobre isso? Como o pessoal acaba na rua?

Cinira – Torno a repetir o que já falei. É aquela ilusão de uma liberdade, é aquela procura de uma casa sem porta, sem janela... A rua parece que é o nosso eldorado, é o nosso céu. Então esse sonho faz com que a gente venha pra rua e a rua tem uma magia muito forte, muito pegajosa, que depois que a gente tá ali dentro, tá na rua, é muito difícil se desprender da rua. Às vezes, que talvez seja o meu caso, eu só vou me desprendê da rua com a morte.

Washington – Concordo com Cinira e com o Edmundo. Acredito que tá certo como ela falou, a gente tá à procura de uma casa sem porta e sem janela, porque na verdade isso significa liberdade, porque ninguém gosta de ficá preso – preso que eu digo, depois que a gente acostuma com a liberdade da rua, vivê livre, pode ir pra onde qué, pode dormi aonde qué... Tá bom que a gente enfrenta uma chuva, enfrenta um frio, tudo bem, mas a gente sabendo usá a cabeça a gente não vai passá frio. Mas é que a gente já nasceu com aquele dom. Porque no meio de uma família sempre tem uma ovelha negra e cada um de nós tem uma história pra contá. Todos os sofredores procuram uma liberdade, vivê livre, dependente de si próprio, sem dependê de "Seu Ninguém", principalmente de parentes.

Edmundo – Ô, vô falá uma coisa, como o Washington falô, em termos de liberdade... Depois que separei dessa mulhé... eu não tinha liberdade em casa! Se chegasse do serviço, saía pra comprá um refrigerante, o pessoal já falava: "Ele vai bebê". E eu já não ia, ficava ali, me humilhando no cantinho... por causa disso que eu tô nessa vida também, sabe, por humilhação!



Um sofredor, durante a caminhada, carrega a imagem do "Servo Sofredor".

3. MANTÊM ALGUMA ESPERANÇA?

Jorge – Um pontinho que queria conversar é o seguinte: a vida de vocês é uma vida de sofrimento, é uma vida dura, é uma vida difícil. Aí eu pergunto: no meio de todo esse sofrimento, de toda essa dureza, vocês têm alguma esperança, vocês acreditam em alguma coisa, em alguém?

Cinira – Eu acredito, realmente, que a palavra de Deus fala de um mundo novo. Eu acho que essa caminhada da comunidade junto com o povo da rua é o começo da construção desse mundo novo. Isso eu acredito. E a gente vai à casa de oração... que a casa de oração é o único lugar que o sofredor da rua é recebido como pessoa. Lá ele é aceito bêbado, sujô... do jeito que ele chegá, lá ele tem direito.

Jorge – Mas só na casa de oração, Cinira? E também aqui, na comunidade?

Cinira – Na casa de oração principalmente! Mas lá de uma maneira especial, lá é assim... é o clube do domingo, do sofredor da rua. Ao passo que as comunidades... ali é a escola. Os centros comunitários é a escola de reaprendizado para preparar o ser humano para esse mundo novo...

Jorge – Edmundo quer falar. A pergunta é a seguinte: no meio de todo esse sofrimento existe alguma esperança, vocês esperam alguma coisa? Em quem?

Edmundo – Esperança eu tenho, certo, porque dia 16 de novembro eu faço 26 ano, já tô a fim até de voltar pra Cuiabá. Então, eu tenho esperança porque sou profissional, tenho meus documento. Qualque hora que falá – vou trabalhá – eu trabalho, já tenho serviço arrumado, não fui porque não quis, mas só profissional. Entendeu?

Jorge – E você, Washington, apesar de todo esse sofrimento, da vida dura, você espera alguma coisa, tem alguma expectativa, acredita em alguma coisa?

Washington – Da minha parte acredito sim, tenho fé em Deus sobretudo, fé na comunidade de sofredores, na casa de oração e em todas as comunidade que também nos ajuda, através do pessoal espírita que também nos ajuda muito. Tenho esperança sim, porque a esperança é a última que morre, eu ainda tô muito novo pra me entregá à solidão e ao sofrimento. Tô sofrendo porque necessito, por falta dos meus documento, por falta de um apoio positivo. Mas a minha única esperança é arrumá um trabalho, encontrá o meu filho, encontrá a minha verdadeira mulher – que eu também tenho a minha mulher, ela é baiana, trabalha. Estar junto com meu filho dentro de um quartinho, vivendo a minha vida e saf dessa vida de bebedeira e prossegui o meu caminho. Porque Deus falou: pra chegá na flor tem que passá pelo espinho.

Isabel – A minha esperança, se Deus quisé, é arrumá um trabalho decente, andá igual andava antigamente, andava bem arrumadinha...

Jorge – Alonso você quer dizer alguma coisa?

Alonso – Eu peço a Deus que me ajude pra tirá meus documento e começá trabalhá, pra mim visitá meus coroa lá no Norte. Porque eu tenho vergonha de chegá no Norte assim, sem dinheiro, sujo, sem ropa... Se for pra visitá meus coroa assim, eu prefiro ficá aqui com meus colega, que são igual a mim.

4. A COMUNIDADE DOS SOFREDORES DE RUA

Jorge – Gostaria de tocar noutro assunto: vocês vêm aqui na casinha, vão na casa de oração, participam da sopa lá embaixo do viaduto e de outras atividades. A pergunta é: por que vocês freqüentam a comunidade? O que encontram na comunidade que contribui para que venham e estejam sempre por aqui?

Washington – Da minha parte eu acho muito importante, porque isso significa que nem tudo está perdido.

Jorge – O que você encontra aqui na Comunidade?

Washington – Encontro os amigos, apoio, um banho, às vezes uma roupa, e... outras coisas mais e, sobretudo, a nossa grande amiga, a Ivete, a Cinira e todo o pessoal reunido. A gente tem sempre uma coisa diferente na comunidade, um dia é uma coisa, outro dia é outra... depois uma televisão, que a gente não tem oportunidade de vê, um rádio... às vez vão de violão..., uma brincadeira, um passeio, isso pra mim se torna uma diversão, certo? A união faz a força e é por essa união que eu venho na casa de oração, na comunidade...

Jorge – Cinira, você já conhece a comunidade faz muito tempo, né? Que é que você encontra nela que lhe atrai?

Cinira – Aqui eu encontro tudo: amizade, uma vontade de caminhar pra frente... Minha esperança cada vez que eu chego aqui é redobrada e acredito que daqui vai sair esse mundo novo que a gente está procurando construir.

Jorge – Que mundo novo é esse? Daria para você explicar? O que você chama de mundo novo?

Cinira – Não é um mundo de tijolo, de asfalto, não. É aquele mundo de espírito, de espírito grande, crescido, evoluído, voltado para as coisa digna, para as coisa maravilhosas que Deus quer que a gente ponha em prática. Sinto que este mundo novo tá começando daqui, porque aqui a gente sente tudo isso: carinho, amor, compreensão, esperança, aquele tom de “dias melhores virão”, e aqui a gente acredita que os dias melhores já tá começando agora, nesse momento, só nessa oportunidade, porque aqui a gente tá lavando a alma, a gente tá se doando, então já tá começando daqui.

Jorge – E a Isabel, quer dizer alguma coisa?

Isabel – Eu venho porque aqui... ó, os amigos pra mim é toda a minha família: eu venho ver meus amigos. Pra mim é a minha maior felicidade. Se faltá esses amigo... Quando o Washington toca o violão, a gente dança, canta...

Jorge – E você Alonso?

Alonso – Eu venho na comunidade porque o Washington, a Isabel, o Edmundo, a Cinira, isso aí é um pessoal que faz parte da minha família, né, Dona Ivete... A gente aqui joga dominó, nós assiste uma televisão, nós brinca, toma banho... nós faz tudo.

Jorge – E você Edmundo? Por que você vem na comunidade? O que você acha de importante, de interessante, na comunidade? O que você gosta na comunidade?

Edmundo – Eu venho aqui na comunidade porque gosto daqui, pra rever os amigos todo dia. Vê se tem uma sopa debaixo do viaduto, tem uma comida aqui dentro, tem um café... Pessoal que ajuda a gente.

Jorge – Você se sente à vontade?

Edmundo – Eu me sinto à vontade, melhor do que tá na rua. Brinco... às vez, por exemplo, lembro da filha que eu tenho, choro até... Eu tenho uma filha, sabe?

Alonso – A pena é saí daqui e ir pra rua...

Jorge – Você sente pena quando sai daqui?

Alonso – É. A pena é eu saí daqui e ir pra rua, porque na rua... não estamos juntos, cada um tem seu canal pra dormi.

Jorge – O que é canal?

Alonso – O canal que eu falo, que eu reconheço é a gente ter um cantinho... Um dorme ali, outro lá. A gente se separa... mas amanhã a gente se encontra.

5. VALORES E VIVÊNCIA: EM BUSCA DA VIDA

Jorge – Bom, vocês gostariam de acrescentar alguma coisa ao que foi dito? Desse modo, iríamos encerrando nosso papo.

Cinira – Eu torço freneticamente para que o sofredor da rua seja sempre como um sofredor. E quem quer que seja que queira ajudar o sofredor, o ajude como sofredor, mas não querendo tirá-lo daqui pra transformá-lo em não sei o quê. Porque nós já nos identificamos, já nós estamos sendo aceito como sofredor e nós não queremos perder a nossa identidade.

Jorge – O que você gostaria de acrescentar aí, Edmundo?

Edmundo – Eu conheço um bocado de sofrêdo aí, internado... Só o que eu peço é isso, Deus dê saúde pra nós tudo que tá na rua.

Washington – Eu sou sofredor, amigo dos sofredores. Não quero, enquanto a gente for sofredor, que desistam de ser sofredor. Mas quando mudem, hoje ou amanhã, não desfaçam. Sejam sempre um sofredor, porque é através do sofrimento que a gente consegue chegá até lá. Nós precisamos um do outro. Assim diz o ditado: “uma mão lava a outra e as duas lava a cara”. Se eu consegui o meu auge amanhã, não vou esquecer de ninguém, serei sempre um sofrêdo junto com vocês também. Eu tive em Campo do Jordão, trabalhando numa cantina e via muita comida jogada fora. Aí, comecei a lembrar dos meus amigos sofredores – eu já era sofredor...

Jorge – Ah, você já era...

Washington – Já era sofredor, então consegui uma chance. Mas comecei lembrá deles, e via aquela comida toda jogada fora... aí me deu vontade de voltá. Como diz a música: desinludido, me deu vontade de... Né? Isso o senhor vai ver daqui a pouco como é esta música, seu Jorge...

Jorge – Isabel, o que você gostaria de acrescentar?

Isabel – Fui na casa do meu pai, um mês mais ou menos, ele tava internado, mas graças a Deus tava melhor, fiquei lá 4 dias, a saudade da turma da comunidade não deixou eu ficá lá não. Então voltei. E estou aqui no meio da turma, estou mais feliz do que estar lá.

Jorge – Cinira, quando você entrou na roda, a gente já tinha falado sobre diversos assuntos. Gostaria de ter sua opinião sobre alguns deles.

Cinira – Tá certo.

Jorge – Com freqüência, o sofredor diz que está na rua porque não tem documentos. Eu acho que isso é real: não tem documentos. Mas aí fico me perguntando se, suponhamos, amanhã conseguisse os documentos... ele deixaria a rua? O que você acha disso?

Cinira – Olha, o fator não ter documento não é causa. É apenas um paliativo... pode se dizer que uma desculpa. Porque, se eu arrumar documento agora à tarde, amanhã à tarde vou dar graças a Deus se tiver perdido todos eles, pra eu poder ter liberdade de continuar na rua.

Jorge – Cinira, você diz que se amanhã tivesse os documentos, ficaria feliz até se perdesse, porque aí mantinha a sua liberdade. Tem alguns amigos seus, amigos nossos, que viveram na rua, moraram na rua e de repente deram uma virada, pararam de beber, deixaram a rua, continuam ligados à comunidade, trabalhando com os sofredores. Eles, no sentido que você fala, será que perderam a liberdade?

Cinira – Não, eles criaram um mundo pra eles, eles têm a sua própria liberdade. Mas entre eles e o sofredor já começa a existir uma barreira. Eu não sei se é porque o aspecto feio da gente os fazem lembrar do passado, ou lhes dão medo de uma recaída, eles começam se tornarem inacessíveis para a gente. Torna-se uma coisa distante. Mesmo caminhando de lado a lado a gente sente um chega pra lá.

Jorge – Então, você acha que o pessoal que deixou a rua mantém esta distância?

Cinira – A gente fala nessa barreira criada. Mas se... a primeira coisa que a gente recebe quando tentam tirar a gente da rua é sempre esta: “Esquece este

povo! Sai desse povo!" E dói, magoa... então, quem saiu criou essa barreira porque... dizem que quem se mistura com porco farelo come. E como o sofredor da rua é considerado um animal, então quem quer sair da rua tem que criar um chiqueiro para esses porcos. Então, como ele já não é porco, então ele não precisa mais estar ali no chiqueiro. O chiqueiro é a separação.

Jorge – Suponhamos que alguém sáísse da rua. Já não está morando na rua. De que modo ele poderia continuar sendo amigo de vocês, se relacionando? Ou é quase impossível?

Cinira – Olha, comigo não deu certo. Que há 3 anos atrás fui pra uma casa de recuperação, uma casa evangélica... e cresci muito lá nessa casa de recuperação. Aí, a trabalho dessa casa de recuperação, eu vim a São Paulo fazer divulgação do trabalho da casa, inclusive mostrar o livro escrito pela presidente da casa de recuperação... Eu me senti totalmente deslocada na comunidade dos sofredores da rua. Até com a Ivete, praticamente a minha mãe da rua, foi tão duro a gente conversá! A gente falava língua estranha! Então, é muito duro, é muito difícil sair da rua e continuar uma convivência assim, constante, uma convivência forte com o povo da rua. Precisa ter algo assim, muito forte mesmo, que talvez seja quase que impossível!

Jorge – Então é muito difícil. Tem essa distância que...

Cinira – A distância existe. E às vezes a gente sempre culpa o outro. Não é bem questão de culpa, mas é que... a gente é tão pressionada com o rótulo de sujos, imundos, sem cultura, sem isso, sem mais nada...

Jorge – Você já falou até de ser lixo, né?

Cinira – Ser resto de lixo, que a gente se separa de medo de contaminar a outra parte que é pura, educada, culta. Lutamos por isso pra gente não perder a nossa identificação, que está surgindo a comunidade dos sofredores da rua, aonde esta comunidade, unida, possa lutar para perder estes rótulos, estes títulos horríveis.

Jorge – Explica um pouco essa idéia de identidade.

Cinira – Quando eu digo não perder a identidade, é que aí ele possa ter direito de lutar livremente, abertamente, sem repressão contra todas estas injustiças que o massacram, que tenta sufocá-lo, exterminá-lo. Que seja uma sociedade humilde... acho que a nossa luta não é por poder, não. Nós tamos lutando por dignidade, nós termos direito de ter o nosso nome. Isso é que eu acho, não perder a sua identidade, poder usar o seu dogma livremente, abertamente. Gritar, se possível for, em praça, em rádio, televisão, sem repressão, sem alguém querendo amordaçá-lo e sufocá-lo. Assim é que eu penso e é por isso que luto, e caminho, e caminharei sempre juntamente com a comunidade dos sofredores da rua. Porque me sinto orgulhosa de ser uma sofredora da rua, de ser uma batalhadora; lutando com o grupo, está lutando por uma coisa digna,

não tá lutando por riqueza, não tá lutando por grandeza, não. Mas simplesmente pela sua dignidade, pelo seu direito de ser humano, como ele deseja ser e não como a sociedade quer lhe impor.

Jorge – E como ele deseja ser?

Cinira – Tratado como gente, como ser humano. Que ele, todos os dias de manhã, quando ele levantar e olhar, ele possa falar: "Eu sou gente" e os demais falem: "Eu concordo plenamente com você."

Jorge – Está ótimo, obrigado, Cinira.

Cinco meses após a primeira gravação, encontrei-me com Cinira. Ela, depois de ter ficado seriamente doente, decidiu voltar para a família. Perguntei se queria fazer qualquer comentário sobre esta experiência recente. Aceitou com a disponibilidade de sempre.

Jorge – Cinira, você manifesta que recentemente, faz... um mês, né? Voltou pra se encontrar com a família. Por que você tomou essa decisão, o que está descobrindo de novo?

Cinira – Bom, vivi na rua. Tudo o que se podia viver, eu vivi. Só não matei e não roubei. Mas sofri, sorri, foi muito bom. Foi uma experiência muito válida, muito grande. Foram quase 15 anos de rua, dois anos vivi sozinha e 13 anos de comunidade e inclusive essa sopa tão famosa debaixo do viaduto. Ivete e eu fizemos a primeira sopa, não era em calderão de alumínio não. Era em lata de óleo de 20 litros. Foi uma experiência muito linda e hoje eu vejo os dois caldeirões de alumínio e vejo como valeu a pena essa caminhada minha de rua. Foi uma coisa muito boa, sofri, aprendi. Mas, com o passar dos anos, a vida da rua é muito dura, dura mesmo. Então, as minhas forças foram se acabando e... de repente, eu me vi assim: a rua me consumindo, eu não podendo partilhar alegrias com meus amigos, não podendo ajudar ninguém. Então, por um momento, senti que tinha que fazer alguma coisa. Eu pensei na minha família. Que a minha família é uma família que estava esperando a todo momento a hora que eu chegasse em casa pra falar: "Eu estou aqui". E foi o que aconteceu. Eu fui recebida de braços abertos e está sendo uma coisa maravilhosa pra mim, porque eu nasci de novo. É um bebê que cortou o umbilico. É embrião, né?

Jorge – Cordão umbilical?

Cinira – Cordão. Cordão umbilical da rua e passou a conviver com a família uma vida de família, uma vida normal. Igual a todas as vidas, mas uma vida diferente, muito boa, muito gostosa. Puxa! Se eu soubesse que era tão bom viver em família, eu tinha voltado antes. E pros meus amigos também, que gostaria que tentassem fazer uma experiência, mas uma experiência assim: esquecer o momento rua. Quando chegar em casa... nascer de novo lá e aceitar

aquelas coisinhas chatas de casa. É isso, é aquilo, mas de repente, dá um crescimento, uma coisa tão gostosa na gente! É muito bom!

Jorge – Cinira, lembro que na outra gravação, um aspecto da vida de rua que você destacou muito e que sempre considerou o mais importante, era a liberdade. A liberdade que você tem na rua. Eu diria, nesse momento que você regressou para junto da família, você acha que perdeu a liberdade? Você é uma mulher presa? Como que é? Como está se sentindo agora? Dá pra falar alguma coisa sobre isso?

Cinira – Olha, esta liberdade que eu procurei na rua é uma liberdade ilusória. É uma liberdade enganadora. Porque eu deixei uma série de coisas que achava que era o correto, que eram brilhantes, pra poder tomar pinga à vontade, poder não ter compromisso com nada. Agora, se eu quiser, posso tomar pinga, mas também eu acho muito importante a gente ser comprometida com as responsabilidades da vida. Porque a vida... viver é um compromisso. Porque viver livremente, mas falsamente, se destruindo, não é viver, mas se matar.

Jorge – Este assunto da liberdade na vida da gente é muito rico e complicado...

Cinira – Olha, eu não sei quem é que vai ouvir o que eu estou falando, ou se alguém vai ler. Se alguém pretende caminhar com o povo da rua, olha, só isso: que modifique... que eles tentem ver o outro lado da liberdade, porque a liberdade é para que nós sejamos livres, não para que nos escravize num vício e nos leve até uma morte prematura, uma morte desnecessária, uma morte antecipada.

Jorge – Mais uma observação, Cinira?

Cinira – Olha, liberdade, liberdade. Na rua, há uma liberdade, uma liberdade libertina, porque não se tem compromisso com nada. É bom, é bom. Mas são muito poucos que desfrutam dessa liberdade com felicidade. Porque esta liberdade só leva à morte, só leva a um vazio. E ao passo que esta liberdade que eu tô vivendo agora... eu sou livre. Eu não me sinto acorrentada. Me sinto comprometida sim, com o respeito humano. Saber que a minha liberdade vai até aonde a liberdade do outro começa. Porque aquela liberdade, não via onde começava a liberdade do outro. Então, eu acho que essa liberdade limitada, mas não acorrentada, é a verdadeira liberdade.

II. Já estive e consegui sair

Nota Introdutória

No bloco a seguir, os depoimentos são feitos por pessoas que não estão mais na rua, mas que nela ficaram dias, meses, anos.

Elas também nos falam de suas trajetórias. Nestas, a luta para conseguir sair da rua e – no testemunho da maioria dos entrevistados – chegar a superar a bebida, é contada de forma sincera e, por vezes, também dramática.

Voltam, neste segundo bloco, questões que já se apresentaram nas colocações daqueles que estão atualmente na rua. Aqui, porém, já são vistas com olhos iluminados por outro momento e/ou contexto de vida.

Podemos destacar os seguintes temas: a relação vida e liberdade; fatores tão ou mais fortes que a própria bebida, nos percursos de ida e volta; o tipo de espaço em que, de fato, se constitui aquela comunidade; a filosofia ou visão que a referencia e por último, embora não diretamente explícito, o efetivo papel da sociedade nesse processo de marginalização.

1. RUA: CAMINHOS DE CHEGADA E DE SAÍDA

Jorge – Pessoal, então, conforme combinado, podemos iniciar nossa gravação. Quem gostaria de começar?

Vera – Meu nome é Vera Regina Correia. Eu nasci aqui em São Paulo.

Jorge – Você esteve na rua, não é?

Vera – Estive na rua e fiquei uns 3 anos.

Carlinhos – Meu nome é Carlos Roberto Fabrício. Nasci em São Manoel, interior de São Paulo. Vivi uns 6 anos na rua.

Nelson – Nelson Antonio Barros Samora. Sou chileno, cheguei no Brasil em 1982, fiquei 9 meses na rua.

Amado – Eu sou José Amado Teodoro. Nasci em Londrina, no Paraná e vivi na rua uns 5 anos.

Francisco – Meu nome é Francisco Antonio. Sou do Ceará, estou aqui em São Paulo, desde 80, e tive poucos dias na rua, questão de 5 a 8 dias, por aí.

Natalias – Eu me chamo Natalias. Fiquei 2 anos e meio na rua, sou de Montes Claros, Minas Gerais.

Jorge – Pessoal, há um ponto que gostaria que vocês comentassem: trata-se da época em que viveram na rua, como foi, como se sentiram? E acrescentaria: como vocês vêem a vida do sofredor?

Nelson – Quando fiquei na rua, tinha um pouco de medo... de ficar doente, de ficar muito abandonado. Aí fugia da cidade grande pra cidades menores. Encontrava pessoas caminhando, conversava, achava que era uma forma de evitar a solidão, evitar ficar doente, degradar-me. Mas a maioria das vezes não tinha esta preocupação, porque conseguia amigos. As pessoas iam informando onde podia trabalhar, onde podia dormir, que lugar era bom.

Jorge – E como você vê a vida do sofredor atualmente?

Nelson – Pelo pouco que tenho conversado com as pessoas que estão na rua, tem muita gente que cansou de ficar na rua, teve oportunidade e voltou a trabalhar. Porque tem medo de ficar doente, que todo mundo abandone ele. No caso de uma pessoa que conheci, ela falou que agora chegou o momento de conseguir um trabalho e começar a pensar mais sério na vida. Porque passou um tempo aí muito doente, ficou com problemas de circulação, e não achou pessoas pra se preocuparem com ela.

Natalias – Jorge, vou te contar a minha história desde quando comecei a entrar na rua. Eu tinha a minha mulher e um rapaz que hoje tá morando comigo. Em 74 larguei ela aqui e fui embora pra Minas, se separamos. Lá o primeiro passo meu foi bebê muita pinga e daí vim embora de novo pra São Paulo. Aqui não me controlei mais. Era cachaça todo dia. Meu primeiro passo de entrar na rua, foi perdê os documento. Aí não pude mais tê o controle da coisa, fiquei desempregado. A minha mulher tinha morrido. Fiquei naquela paixão louca e a pinga foi mais forte que eu. Comecei a bebê e conheci os amigo debaixo do

viaduto e tal, e por isso fui cada vez mais me envolvendo. E foi quando conheci a comunidade aqui. Mas nessa altura já tava com 2 anos e meio de rua. Durante esse tempo frequentei o DAG*, CETREN**, a migração...

Agora, quando oiava pra mim naquela situação, lembrava do meu tempo atrás que trabaiei na São João num restaurante, bem vestido, bem calçado; meu filho, minha mulher, minha casa... Aquilo pra mim era um desgosto tão grande que fui no Viaduto do Chá e cansei de oiá pra baixo, pra pulá de cima e podê tê um alívio da minha vida. Achava que o último passo meu, era aquele.

Jorge – Deve ter sido muito duro, né?

Natalias – Foi. Mas aí comecei a pensá: ói, um dia ainda saio disso... ou morro ou saio. Foi aí que encontrei a comunidade e ela me deu essa força e atentei saí da rua. Quando oiei, já parei de beber. Foi o primeiro passo que fiz: pará de bebê. Tirei todos os meu documento... E aí comecei arrumá um servicinho aqui, outro acolá, inté arrumei um emprego de novo, que nem era a minha profissão. Sou cozinheiro, a profissão que tinha antes. E nessa Deus me ajudou, que eu tô inté hoje.

Nessa caminhada de emprego e tudo, conheci a Vera. Ela era também uma mulé da rua, que recuperô igualmente no prazo que eu me recuperei. Nós tamo vivendo hoje, já temo dois filho: ela tem uma menina filha dela e eu tenho um rapaz. Mora tudo com a gente. Mas nós tamo na luta aí, trabalhando e pegando sempre com Deus pra vencê.

Jorge – E o povo da rua?

Natalias – Eu vejo o povo da rua assim: quando a pessoa acha uma ajuda que poderia aproveitá, que nem eu aproveitei no tempo, ele não aproveita. Ele acomoda. Acha que é uma obrigação da comunidade ajudá eles, e não é obrigação. Tá dando uma força pra vê se ele tenta saí da rua.

Tem muitas pessoa que aproveita dessa ajuda e acomoda. Hoje ele fala que não bebe; amanhã ele volta a bebê. Quer dizer, a comunidade não tem culpa. Ela tá tentando ajudá, mas se o cara não qué, então ele vai consegui sair da rua nunca.

Jorge – Eu te faria uma pergunta: é muito difícil deixar a rua?

Natalias – Se a pessoa tivé força de vontade, não é difícil saí da rua. Se tivé qualquer objetivo na vida, ele faz. O primeiro passo é largá de bebê e pensá no mesmo emprego que ele tinha tempo atrás; ele não nasceu na rua, tá entendendo? Ele tinha um emprego, a casa dele, a família dele... Eu acho que ele

* DAG: Divisão de Atendimento Geral do Estado de São Paulo.

** CETREM: Central de Triagem e Encaminhamento do Estado de São Paulo.

tem de pensá o atrás e na situação que ele tá ali. Aí tem que dá a volta por cima e tentá tê a vida que tinha antes.

Carlinhos – Como eu falei, tive uns 6, 7 anos, mas vivia como... Falá bem a verdade mesmo, eu não vivia, porque na rua o cara perde tudo: noção do tempo... se de noite ou de dia tanto faz... não tem controle mais de nada, mas por causa da pinga mesmo. Eu nem sei mesmo dizê o que pensava de mim. Já tinha 10 anos que não via família, mais um pouco que fiquei na rua, aí... danou tudo mesmo. E pra se integrá na comunidade foi meio difícil. Eu via os outro que já tinha saído da rua, mais do que eu. Então eu sentia vergonha de tá no meio do pessoal, me sentia um cara abaixo. Então foi muito difícil reencontrá o pessoal outra vez... reintegrar.

Jorge – Para você foi difícil dar esta virada, não é? O que atrapalhava?

Carlinhos – O que atrapalha é o modo das pessoa se vesti, das pessoas... Vamos supor, eu tava sujo, não podia estar no meio dos que tava mais limpo. Eu sempre tava no meio dos mais limpo, mas quando tava com a cara cheia; agora, quando tava sem nada, careta, eu tava por baixo dos viaduto, escondido... Agora, quando tomava umas duas até no Palácio do Governo eu entrava mesmo. Então é isso, a pessoa fica se sentindo abaixo, vai sempre fugindo, e aí ele tá se enterrando mais. Então a pessoa tem que tê força né, e essa força... só pode ser de Deus. Tem que sê um bom convite e Deus olha pra gente e faz a gente andá pra frente.

Jorge – O Nelson quer completar.

Nelson – Quando estive na rua, nunca bebi. Mas tampouco tinha preconceito das pessoas que bebiam, porque a maioria das vezes tive amigos que beblam e viajei junto com eles. A gente se respeitava muito, eu confiava neles e eles também. Agora, o meu problema era achar um emprego. Eu podia ter saído da rua mais rápido, só que os emprego que conseguia era com salário muito baixo, que não dava pra organizar-me e tentar sair da rua. Mas sempre pensava em largar a rua. O problema era mais de ter oportunidade. Penso que tem muita gente que chegou do interior e fica difícil pra ele se comunicar e conseguir esta oportunidade.

Vera – Caí na rua porque perdi meus documento. Eu trabalhava na roça, no interior. Aí vim pra São Paulo, o Cetrem não recebia sem documento. Aí caí na rua. Enquanto estava limpa, tudo bem. Mas quando ví minha roupa preta, os pé preto, tudo sujo, aí eu entrei em desespero, comecei a bebê. Bebia, bebia até desmaiaí! Depois comecei a catá papelão, mas papelão, era pra beber, porque comida não descia. Eu sei que passei 3 ano nessa vida. Então às vez tentava pará de bebê na rua, mas quando parava, começava a chorá, porque não me conformava de ver o meu estado. Aí tornava a enchê a cara de novo.

Jorge – Para você foi muito difícil sair da rua?

Vera – Não foi muito difícil porque, quando consegui apoio da... Porque primeiro foi assim: puseram fogo na nossa maloca; aí Ivete e Mercedes foram buscá nós lá. Aí elas falaram pra mim ir pro Cetrem. Só que aí a irmã Mercedes me recolheu na casa dela uma semana, depois vim pra Ivete, depois fui morá num casarão e foi aí onde saí da rua.

Jorge – Vera, antes de começar a gravação você estava falando que nasceu...

Vera – É, nasci num Juizado de Menores. Minha mãe era menor de idade, tinha 12 anos quando nasci.

Jorge – Você conheceu seus pais?

Vera – Não, não conheci. Nenhum deles. Não conheço parente nenhum.

Jorge – Ou seja, a dureza da vida, como você falava...

Vera – É. Começou do berço.

Jorge – Alguém quer acrescentar alguma coisa?

Amado – Quando caí na rua, tenho certeza que foi por causa da bebida.

Eu trabalhava em Londrina, e uma pessoa foi lá e gostou muito de ver eu trabalhá! Aí: "Olha, eu tô precisando de gente pra trabalhá na minha firma em São Paulo, se você quiser ir lá eu te pago o dobro do que você ganha aqui". E eu vim. Quando vim, ia completá 18 anos. Só que o que ganhava aqui gastava do mesmo jeito. O que ganhava na minha cidade, era a mesma coisa que ganhava aqui. Foi me dando um desgosto na vida: nego trabalhá e morá em pensão... E bebendo. Consegui ficar até 3 anos e meio nesse emprego. Mas quando saí de lá, já tava bebendo bem. Já não parava mais em emprego nenhum. Ficava, 3, 4 mês num emprego e saía. Os cara mandava embora e era sempre a maldita da birita. E morando nas pensão.

Jorge – Você ficou muito tempo nessa situação?

Amado – Nessa vida, uns 3 ano e meio. Por fim eu tava numa pensão na Bela Vista e trabalhava numa farmácia. Bebia tanto, que o dinheiro que ganhava não dava nem pra pagá os bares... Aí o dono da pensão pegou minha mala com as roupa, colocou na calçada e falou: "Ó, aqui você não entra mais! Não dá, é uma bebedeira danada, você não paga..." Foi a primeira vez que fiquei na rua. Aí falei: e agora? Desci até a praça 14 Bis e fiquei na praça. Passei uma, duas noite, um frio desgramado! Então escondi a mala nuns tubo de esgoto e ficava andando a noite inteira pra não dormi. Falei: se dormi eu morro aqui, congelado! Olhava naquele relógio lá da Paulista marcando 1 grau! Durante o dia ficava andando por ali. Já conhecia um pessoal que morava numa maloca na 9 de Julho, falou: "O, rapaz, você tá na rua. A gente tá num tal de Quintino, tem a

maloca lá. Você se vira, arranja umas táboa, faz um barraquinho lado de lá e vai morá lá". E eu fui lá na maloca.

Jorge – E bebendo?

Amado – Bebendo. Já não trabalhava mais mesmo. Catava uns papelão ali, só pra cachaça... Fiquei muito doente numa situação deplorável! Conseguiram para eu ficar na comunidade espírita pra me tratar e lá eu trabalhava... fiquei 11 meses. Saí de lá gordol! Falei: e agora, o que é que eu faço? Um amigo falou: "Olha, eu conheço um lugar aí que é uma beleza, você vai ter uma carroça, vai catá papelão, vai trabalhá, mas não bebe, hein?" Aí me trouxe pro depósito do Josué. Uns dia fiquei sem bebê. Mas ali todo mundo bebia, não tinha jeito! Lugar que muita gente bebe, mesmo que você vá fazendo uma força, é difícil. Aqui na baixada fiquei uns 2, 3 anos bebendo direto.

Jorge – A caminhada foi difícil?

Amado – Foi, até que fui conhecendo o pessoal da sopa, da comunidade... Demorou pra mim me entrosá com o pessoal, entender o trabalho. Com o tempo, eu já tava mal. Aí eu mesmo decidi: vou tentar dar uma parada, né. E duma hora pra outra parei de bebê. Fiquei uns dois mês sem bebê, freqüentando a comunidade e tudo. Aí já arrumaram moradia pra mim... e daí pra cá eu só fui me ajustando.

Jorge – Mais alguém que queira falar?

Francisco – Eu. Já andei em muitos lugares também. Nunca tive na rua muito tempo. Mas, 5, 8, 15 dias a gente já teve. Tive uma vez uns dias em Teresina, outros dias aqui em São Paulo. Foi pouco tempo, não dá pra contá a história. Eu queria comentá o que penso que faz geralmente o sofredor ficá na rua. Não é a falta de disposição pra tabalhá. Também não é incapacidade. Acho que a primeira coisa é chegá aqui em São Paulo e não encontrá apoio. Aí a primeira coisa que ele encuca, é como que o povo vê ele. Então ele se acha incapaz com aquela preocupação de como é que o povo vê. Aí vai se sentindo sem força. Depois se encontra com outros sofredores e vai se adaptando porque vê que o problema dele, não é só dele, é de outros.

Jorge – E como você falou, se não encontra apoio...

Francisco – É isso. Agora, acho que não existe esse negócio de conselho pra tirá o povo da rua... Quando essa pessoa sai é por boa vontade, ou por sentir que as pessoa têm amor a ele.

Jorge – Tua experiência está mais ligada ao migrante nordestino, não é?

Francisco – É. Quando ele chega, não conhece a cidade, nem tem conhecimento com ninguém, aí começa o fracasso. Mesmo pra aqueles que não bebiam, começa a beber a partir daí, começa a dormi na rua e pronto: acha que ali é o

fim da vida. Então, começa a vê que aquele São Paulo não é o São Paulo de sonho, de trabalho, que ele pensava...

Nelson – Eu penso assim: que os nordestinos estão acostumados a ter uma vida de amizade, conhecer todo mundo. Quando chegam aqui, tudo muda completamente; ele se sente sozinho.

Jorge – Pois é, parece que são vários os fatores que influem para alguém acabar na rua. Perguntaria: vocês que já tiveram essa experiência e agora têm outra diferente, acham que a sociedade influi nesta situação do homem da rua?

Natalias – Influi assim... que jeito você fala?

Jorge – Sim, na situação. Por exemplo como foi dito, a falta de trabalho, isso ou aquilo...

Natalias – Não, a pessoa da rua tem a chance do trabalho quando acha alguém que dá uma força naquela situação que ele tá na rua. Justamente como é a comunidade hoje: se arruma um serviço pro sofredor da rua de acordo com ele tá na rua. E que que é? Catá papelão. Ele começa a catá papelão na cabeça... depois passa pra uma carroça, dali já parte pra outro serviço mais sofisticado e daí vai se levantando devagarinho, até chegá a vez duma profissão que tinha antes. E outra coisa que eu lhe falo, como você viu todos nós que tamo falando aqui agora, você vê, o problema todinho é gerado pela bebida. Então, o que é o primeiro passo? Dá o breque na bebida. E na bebida não precisa remédio, o remédio da bebida é opinião. Porque eu acho que nenhum de vocês tomou remédio para isso...

Vera – Eu tomei. Tomei porque procurava o hospital pra me interná pra podê largá de bebê. Só que aí eu tomava os remédio e tudo, ficava, por exemplo, dois mês, três mês, aí quando saía pra rua, sem destino, sem tê pra onde ir, aí voltava a bebê de novo, porque não tinha pra onde ir...

Nelson – Com respeito à pergunta que você fez, acho que influi porque as pessoas não acreditam naquele que tá sofrendo, naquele que tá caído. No entanto, vi mudanças que depois impressionam. Acho que a sociedade vê a pessoa tão degradada e diz: "Esse não tem jeito". Acho que o preconceito maior é com o pessoal da rua mesmo, mais que o preconceito de raça.

Carlinhos – Eu acho que o preconceito é muito. Mas também depois da reviravolta, como eu, o Amado, o Natalias, Benedito... Tem sofredores que vêem a gente agora e não acreditam o que se passou com a gente. Eles acham que a gente sempre foi igual tá agora, mesmo que a gente tenta passá pra eles que a gente foi igual, que aquilo não leva à vida... mas ele não acredita.

Amado – Eu acho que uma coisa importante também que faz a gente saí da rua, da bebida... é readquiri os valores que enquanto a gente tá bebendo, a vida em si não tem muito valor. Emprego, família, casa... fica tão... largado pra lá,

que não tá com nada. Até que uma hora a gente vê que já tá mesmo, que não tem outro jeito. Aí dá aquela parada, aquela pensada e fala: poxa vida, vou tentá fazer uma força aqui, ver se consigo sair dessa. E vai conseguindo. Então, são essas coisa também que faz a pessoa largá da bebida. É voltá a valorizá as coisa que são normais na vida, né?

2. E A COMUNIDADE, SERVE PARA QUÊ?

Jorge – Daria para passar para um outro assunto? Gostaria de saber o que vocês acham da comunidade. Quero dizer, vocês acham que vale a pena este tipo de trabalho com o sofredor?

Natalias – Eu vejo importante porque a maior força que a comunidade dá, é justamente a que nós tamo fazendo aqui porque se não fosse essa comunidade, eu não tinha saído da rua. Tem muitas pessoas que tá até hoje na rua porque não acha outro espaço pra podê dá a primeira caminhada. Essa caminhada se transforma nessa comunidade aqui do Glicério, que seja nessa aqui, que seja em outra, mas uma força ele tem de ter.

Nelson – Eu também sinto muito carinho pela comunidade. Depois de estar na rua, de ter participado da comunidade, de conseguir acabar com os preconceitos, pra mim a pessoa vale como pessoa, não pelo que tem, pela beleza... Eu consigo agora conversar com o sofredor que está aí, caldo, consigo falar com um professor, com qualquer pessoa, de qualquer nível social.

Francisco – Acho que vale a pena, não porque faz pelo sofredor, mas porque faz com o sofredor. Um exemplo que dá é que o sofredor aprenda a ter mais respeito pelas pessoa, pelo próprio sofredor, a ter mais amizade, a colaborar com os outro na partilha de alguma coisa que arranja durante o dia...

A comunidade não tira o povo da rua, é o próprio povo que sai. A comunidade faz a sua dinâmica, sua convivência, dá valor à vida. Porque tem, por exemplo, estas associações antialcoólicas, que faz força pra que o povo deixe de beber. Acho que isso também tem a ver com a convivência: é o trabalho que faz, a sopa, o artesanato, a celebração da vida. Enfim, é um exemplo que dá do povo sempre estar ligado um ao outro onde estiver, um entender a história do outro, de onde ele vem, quantos anos tá aqui, se tá fazendo bico no jornal, se tá catando papelão...

Jorge – Então a comunidade possibilitaria isso: que cada um manifeste sua experiência de vida?

Francisco – A convivência em comunidade possibilita que ele manifeste pros outros e também pra sociedade o que ele tem de bom, o que ele tem de capacidade, de anunciar, desabafá, de trabalhar, de cantar, de viver a vida. A sociedade pergunta pra ele, ignora ele, chama ele de maloqueiro, de um monte de coisa. Hoje ele já sabe responder quem é maloqueiro... E isso a comunidade deixa bem claro: ele não é maloqueiro.

Jorge – E o que vem a ser maloqueiro?

Francisco – É quando a sociedade acha que está sendo prejudicada: quando tem briga, pinga, mau cheiro, confusão, violência.

Nelson – Maloqueiro é aquele que não tem vergonha de agir, de brigar, de falar palavrão...

Agora, outra coisa que agradeço muito à comunidade, é o fato da gente aprender a se defender. Porque em qualquer país, a gente é muito pisoteado.

O fato de ter participado da comunidade me deu essa chance de me defender, não só da polícia, mas de qualquer injustiça que aconteça comigo na rua.

Amado – Eu também conheci a comunidade na sopa... A gente chegava lá e ficava esperando saí a sopa. Aí depois alguém convidava pra ajudá... catá as coisa da feira. Aí comecei a participá da equipe da sopa. E é assim que a gente vai crescendo, que aí você se sente valorizado, de ajudá fazê as coisa praquile... todo mundo que tá esperando ali, né, é uma coisa muito grande. Acho que uma das principais coisas que faz a gente crescê é se preocupá com os outro. Esse preocupar-se com o outro a gente nunca mais perde, né, mesmo depois que sai da rua a gente nunca deixa de se preocupá com os companheiro. Então, é uma grande força que a comunidade dá, é o fazer junto... não esquecê mais dos companheiro, ser mais amigo.

Vera – Eu acho que a comunidade ajuda muito, mas quem sofre mais na rua é a mulher, porque a mulher tem que ter o companheiro, apanha do companheiro e não sabe se defendê do companheiro, e se fica sem o companheiro é zoada pelos outro, então tem que agüentá o companheiro.

Jorge – Vera, você acha, então, que a comunidade vale a pena?

Vera – Ah, vale, vale muito! Se não fosse a comunidade eu não tava viva não! Já tinha ido também.

Jorge – E para você, o que a comunidade faz pelo sofredor? Até que ponto ela ajuda?

Vera – Eu acho que ajuda até o ponto que a gente vê que dá pra gente se levantá. Que é uma coisa que a gente pensa que nunca vai se levantá e acaba se levantando. Que a gente vê os outros se levantando e vai gatinhando até que se levanta também.

Jorge – Vera, você tocou, há pouco, um ponto que é muito importante: o problema da mulher. Você diz que no teu caso, quando você estava na rua, você sofria por ser mulher e por ser sofredora, né?

Vera – É, por ser mulher e por ser sofredora. A gente apanha, apanha do companheiro porque não pode largá dele porque senão os outro zoa, então tem que agüentá... e sofrendo na rua...

Carlinhos – Eu valorizo a comunidade pelo apoio que nos tem dado e pelo carinho. A gente aprende também a dá carinho aos outro sofredores. E é aquilo que o Amado diz lá: a comunidade ensina a partilhá, embora é um trabalho muito difícil porque na rua o que for mais esperto come mais, que na rua tudo é na base de quem tivé mais força.

Natalias – Com a comunidade eu ganhei muita experiência. Depois que conheci a comunidade, eu me transformei. Só não falo que sou da comunidade porque não faço parte do grupo, assim, pra trabaiá dentro do grupo. Mas já tenho uma caminhada dentro de uma comunidade. Porque por causa desta comunidade aqui, se transformô outra comunidadezinha lá na Luz, que é aquela vilinha. Lá ninguém sabia o que era comunidade, e hoje a gente se transformô. Só que lá não é uma comunidade do sofredô da rua, é uma comunidade dos nordestino, como disse o Francisco, né, que vem e chega aqui e não sabe como é que se defende, e hoje ele tá sabendo como se defendê. Não tem problema de contá a historinha, né?

Jorge – Não...

Natalias – É a história da 25 de Janeiro, que é aquela vilinha. Aquilo é da Cúria, aquele terreno. Quando a Vera morava lá, que foi quando nós se ajuntamo, ninguém conhecia comunidade nem nada, só ela mesmo que conhecia e mais ninguém. E tava em despejo aquilo ali. E o primeiro passo pra podê se livrá do despejo, fomo formá uma comunidade. Como se formamos? Sabendo de quem era o terreno. Sabemo que era da Igreja, chamemo um padre, né. Mas transformou-se a comunidade da Vilinha por causa da comunidade do Glicério. Porque Cristina foi a primeira fundadora dessa comunidade lá. Ela se apresentou com o padre... a gente pensou num jeito de combiná, né, com os dono dos terreno e a gente está hoje lutando. E hoje a gente conversa com o bispo ou conversa com o padre, conversa tudo, mas tudo em reunião, tudo dentro duma comunidade. Então, por que que ele vai tirá a gente de lá? A comunidade me passou a experiência que tenho hoje.

Nelson – Com respeito à pergunta de por que é importante a comunidade pra gente, né? A meu ver é muito importante, no sentido de que o pessoal cai na rua porque carrega muitos problemas. E a pessoa embora perceba, às vezes não compreende, né. Pra mim foi uma terapia ter participado, me ajudou muito a enxergar, a ver as pessoas, a acreditar nas pessoas. E perdi muitos defeito, né, aquilo do egoísmo, da ganância... Eu trabalho como pintor às vezes. Quando vou pintar, às vezes tenho prejuízo porque tenho escrúpulo de cobrar um preço alto, que eu acho que é alto, mas acaba não sendo tão caro. Acontece também com o Natalias, um dia estávamos conversando aí, que ele fazia trabalho mas preferia tomar prejuízo do que explorar.



"Sofredores preparam a sopa sob o viaduto, no Glicério".

3. RELAÇÕES ENTRE QUEM ESTEVE E QUEM ESTÁ NA RUA.

Jorge – Tem um ponto aí, sobre o qual gostaria de saber o que vocês pensam. Hoje, conversando com um sofredor, perguntei qualquer coisa sobre a vida do sofredor e sobre a relação que tinha com o pessoal que já foi da rua. Como é essa relação do cara que ainda está na rua com aquele que já esteve na rua. Aí a pessoa me respondeu que era mais ou menos, que achava que existe uma distância. Ou seja, como se fosse difícil se entenderem, porque de qualquer maneira, cada um tem um tipo de vida diferente. Vocês pensam que isso é verdade?

Natalias – Eu acho que um pouquinho sim. Tem um pouquinho de distância, sabe por que, Jorge? A pessoa que tá na rua tem aquela vidinha dele. E a pessoa que está trabaiando, tem o serviço dele, é difícil se ocupar dando aquela atenção e deixando ele falá e fazê a vontade dele. Porque a gente tem um serviço pra fazê, você tá pensando numa conta de luz, de água, tem o aluguel... Já a pessoa da rua tá pensando nisso. Então, se você involvê com ele, você vai ficando quase... vai voltá o que era antes. Você entende? Agora, você pode dar o apoio pra ele, mas só não pode é involvê com ele. Qué dizê, você pode apoiá, dá um prato de comida, dá uma camisa ou uma calça, ou um vestido ou um sapato, sei lá, né, o que ele precisá, né, um prato de comida é o mais importante até pra ele.

Então ele acha essa distância de quem tava e saiu e ele que ainda tá, entende? É uma distanciazinha... o outro tá sabendo que a gente tava a mesma coisa dele.

Francisco – Eu acho que isso existe mesmo, é verdade, mas acho que qualquer tipo de mudança de vida exige muito. Então, pra o sofredor da rua participar realmente da comunidade, das suas atividades, é preciso ele cumprir algumas regras. Ele tem que respeitá aquilo que a comunidade exige. E aquela pessoa que saiu da rua, achou que dá pra ele cumprir aquelas regra. Aquela outra pessoa que ficou na rua, não aceita. Então, isso seria um ponto pra marcá a distância que ele sente. Claro, a gente também sente. Só que acho que a gente não pode vivê na dele a vida toda, cada pessoa é uma pessoa e deve tomá a sua decisão.

Jorge – O comentário foi nessa linha que estamos falando, ou seja, duma distância, dum temor de se aproximar...

Francisco – Acontece que o sofredor acha que a gente tá falando aquilo porque é mandado, acha que a gente... só porque tá ali naquele nível, tá se aproveitando dele... tá desfazendo dele... E já a gente tem uma outra visão! Por exemplo, se tem uma pessoa no plantão, no centro comunitário, ela não pode deixá que o sofredor beba ali dentro do centro comunitário, e ele qué bebê! Mas a gente não pode ser amigo nesse ponto aí, porque se a gente não pedi pra ele não bebê ali dentro, a comunidade vai exigí da gente.

Isso vai marcá uma distância. Agora, mesmo com essa enrolada toda, a gente tem os momento de diálogo. Temos um momento dos dois sentá no banco e conversá, e explicá porque que a gente pensa daquele jeito, entendeu? Eu tenho que explicá, pra gente continuá sendo amigo. Explicá as regra que tem na comunidade, né, explicá como é que funciona a sopa, a casa de oração...

Jorge – E que foi a comunidade que criou essas regras...

Francisco – É, que foi a comunidade que me colocou aquelas regra! No começo, aqui na comunidade, quando eu entrei, ihhh! Então era nêgo que bebia adoidado, passava dois, três dia e noite aí, trazia as mulhé, dormia dentro dos quarto e era aquela bagunça pra lá e pra cá. Pra acabá com isso não foi regime de Ivete que impôs isso, foram os próprio sofredores que começaram a participá, os primeiro que discutiram como é que se deveria continuá isso. O bêbado pode entrá, é amigo do mesmo jeito. Agora bebê já é um desaforo, como aí, na casa de oração, eu acho que... isso é educar também. Isso é um respeito, é fazê com que ele compreende que os outros também tem um valor.

Nelson – Eu acho que no tempo da gente, a comunidade tinha menos recursos e pelo fato de ter menos recurso a gente era mais unido, no sentido de que a gente limpou banheiros, catou papelão, varríamos, trabalhamos à noite fazendo cartazes, preparando programa pra domingo, na casa de oração... E devido a isso, não tenho muita paciência para trabalhar com o povo não. E outra coisa

também, tenho muita dificuldade de me expressar, porque quando tentei de conversar com o povo, de conscientizar um pouco, as pessoas me interpretaram mal, pensaram que tava querendo mandar neles. Aí vem logo o fato de ser chileno, aí as pessoas não gostam muito que um chileno venha...

Amado – Eu acho que o sofredor da rua, a princípio, ele não gosta muito de ser organizado. Eu também já fui assim, até compreendo, a pessoa tá bêbada, então ele acha que tem que ser à moda dele. Eu trabalho na cooperativa, fico na balança, e no caso ele me traz um papel. Eu falo que tá com lixo, ele acha que não. Falo assim: então você vai levá isso lá fora e vai escolhê. Então ele me vê como um mandão. Se o cara tá muito bêbado, fica falando, aborrecendo... Eu não sei se é porque eu já fui um bêbado, eu não tenho lá muita paciência. Eu não agrido, nunca agredi fisicamente ninguém. Mas eu dou um jeitinho de levá ele lá pra rua, falá: olha você fica aqui e tal. Sabe? Então eu acho que a pessoa que tá na rua ainda, e que me conheceu quando eu era bêbado, ele não compreende muito isso, então ele acha que eu sou autoritário. Então ele vê a gente mesmo com uma certa distância. E é difícil... não sei, deve ter um jeito de se aproximar mais, mas é muito difícil.

Jorge – Bem, há mais algum comentário?

Francisco – Só comentá um pouco, eu acho que a divisão que o sofredor sente, que ele vê em relação à comunidade, é que acha que... a comunidade não atende àquelas necessidades que ele pensa e que ele qué. Por exemplo, pra vendê o papel do jeito que ele traz, pra dá uma ajuda na pinga...

Amado – Enquanto nós tava conversando, fiquei pensando que a comunidade tem muito a ver com a parábola do sementeiro, né: ele joga a semente, muitas vão dá fruto, vão crescer, outras vão se perder, não vão germiná nunca. Não sei se tem a vê, mas acho que é assim, tem sofredor que caminha, caminha, depois regride tudo de novo; outros seguem em frente; outros nós, todo mundo da comunidade tem aquela paciência, coloca ele na moradia, ele sai, ele volta, ele sai, nunca consegue sair da rua. Muitos acabam morrendo na rua. Então acho que é muito bíblico isso, é a paciência... sempre jogando a semente, na certeza que umas vão germiná, outras vão dá bons fruto e outras vai ficá aí pelo caminho.

Natalias – O sofredor, quando sai na rua, não pode é desfazê dos outros. Tem que sabê o seguinte: ele saiu, ele tem mais é que dá força pra quem tá pra levantá também. Porque tem muitos que sai, qué ser bom e fica desfazendo dos outro. Aí fica ruim, né? Aí faz como aquele ditado: “Não pode cuspi pra cima porque senão cai na cara”. Então o cara levanta hoje, mas amanhã ou depois tá sujeito a caí de novo, né? Então a pessoa não pode pensá desse lado, tem sempre que ser forte e tê paciência, né... E o mais é que nem eu falei: o mais é um breque na pinga...

4. A COMUNIDADE MAIS UMA VEZ

Jorge – Bem, podemos ir encerrando. Quem quiser acrescentar mais alguma coisa...

Nelson – Eu sinto muita vontade de fazer alguma coisa pela comunidade, mas ainda não me sinto capaz. Acho que a diferença entre o pessoal que tá na rua e a gente, é o processo de compreensão do significado da comunidade. No caso da gente, foi um pouquinho mais rápido e conseguimos compreender, mas o pessoal... temos que dar um tempo, pra eles captarem... Acho que as pessoas não têm entendido ainda o que significa viver em comunidade. Eu não consigo passar isso, por isso não tenho participado, tenho deixado pra outras pessoas.

Jorge – É, mas aí no teu caso, Nelson... gostaria de dizer que a gente tem diferentes modos de participar. Acho que você participa do teu modo. Faz um bom tempo que a gente se conhece... uns 8 anos... todo o grupo. Só Amado que não conhecia antes. Desde o início você sempre contribuiu dentro das tuas qualidades, dentro dos teus limites. Acho que isso é muito importante.

Natalias – Eu acho que a comunidade dá a primeira força e a pessoa acompanha a comunidade até a hora que ele se levanta, que ele tem a própria caminhada. Agora, ele tem que ter a caminhada dele diferente da comunidade. Porque aí adonde vai entrando a família dele, vai entrar os filhos, os problemas que vai nascendo, sem a comunidade tá interferindo naquilo lá também. Porque se ele ficá contando muito com a comunidade, chega um tempo que se ela não dá força, ele sozinho não sabe caminhar, entende? Ele não pode abandoná a comunidade agora, só que ele tem de aprendê a caminhar sozinho, porque quando a comunidade não pudé ajudá mais, ele tem de sabê o caminho dele sozinho, pra onde ele vai e pra onde ele volta.

Francisco – A comunidade exige muito da pessoa. As regras tira a liberdade e o sofredor não aceita. A liberdade que eu tô falando, é referente à pessoa se acomodá a ele mesmo. Então ele acha que servi aos outros, que tá em comunidade, fazê alguma atividade pra outras pessoas é tirá a liberdade dele.

Natalias – Não, mas acho que a comunidade não vai tirá a liberdade de ninguém. Eu acho que não tira, porque...

Francisco – Não, eu tô dizendo assim: por exemplo, o Nelson. Se o Nelson disser: "Eu não vou participar da comunidade porque tira muito a minha liberdade". Eu quero explicá que muitos sofredores acham que não dá pra participá da comunidade, porque vai tirá a liberdade dele bebê. Entendeu como que é? Que vai tirá a liberdade dele ir pra onde ele quer, vai tirá a liberdade dele fazê aquilo que ele pensa, de sê que nem um passarinho solto, porque na rua ele tá que nem um passarinho, ele não tem hora...

Nelson – No meu caso eu queria sair da rua, decidi participar e consegui, mas nunca me senti prejudicado no sentido de que...

Natalias – É, no meu caso também, você vê que eu fui sofredor da rua e me levantei por causa da comunidade, eu cabe de explicá há pouquinho hora. Agora, só que a comunidade não influi de me prendê em nada, tá entendendo? Uma comparação, casa de oração: "Natalias, você tem que ir na casa de oração domingo". Eu só vou lá se quisé ir. Ela não prende a gente, ela não obriga a gente ir. Entende? Ela deu uma força e tudo. Agora, só que eu também não abandono a comunidade, precisô de mim eu tô aqui, você entende? Se precisá de fazê um favor dentro da comunidade, eu tô aqui. Se eu precisá da comunidade, procuro ela. Por quê? Porque ela me dá força, e me deu até o dia de hoje. Justamente. Agora, prendê... acho que...

Carlinhos – Eu já me sinto assim... tenho aquela preocupação, né, não sei deixá os deveres da comunidade a fazê. Eu já me sinto... tanto faz, eu posso viajá, estar em qualquer lugar, tô lá preocupado com o que tá acontecendo aqui, será que tá correndo bem, será que o negócio tá indo certo... Então, com tudo os atrapalhos que a gente tem na vida, mesmo assim eu me sinto... eu tenho aquilo como um dever de eu prestá aquilo. Agora, eu não sei quando...

Natalias – Mas aí você trabalha dentro da comunidade?

Carlinhos – Dentro da comunidade.

Natalias – Justamente, aí é outro caso.

Carlinhos – E como diz o Natalias, a comunidade não prende... Não prende. Ela não prende a pessoa e também não exige da pessoa aquilo que ela não pode dar.

Nelson – Eu queria falar assim: que a gente conseguiu chegar no lugar que está, porque foi muito humilde assim, com muito sacrifício, as coisas não caíram do céu... fizemos esforço e sempre respeitamos as regras, né. Agora, do que me arrependo é de não ter participado mais quando tinha mais tempo, antes de casar, quando era solteiro, porque eu estou satisfeito de ter participado, acho que cresci muito neste aspecto e poderia ter crescido mais ainda, não cresci mais pelo fato de não ser muito ligado...

Natalias – É muito a experiência, porque a experiência provou. A experiência vale muita coisa na vida de uma pessoa...

III.

Uma experiência entre outras

Nota Introdutória

Duas educadoras, que participaram desde o início dos trabalhos da Comunidade dos Sofredores de Rua, tentam recuperar a caminhada dessa experiência. Ambas pertencem à Fraternidade das Oblatas de São Bento que, junto com algumas outras, iniciaram, praticamente, este tipo de trabalho em São Paulo.

Embora se enfatize determinados temas nos diversos subtítulos, a verdade é que os assuntos vão e voltam ao longo de todo o depoimento. Claro, que sob o ponto de vista de quem participa como agente e/ou educador.

Ao se recuperar a história, desfilam erros e acertos, desafios e encaminhamentos, dúvidas e questões, enfim, o próprio processo da prática e sua reflexão.

É assim que se revelam questões complexas e polêmicas como: a relação poder público e povo da rua; a nova cidadania desta população, enquanto moradora da rua; sombras e luzes na contraditória vida da rua e nítida, mas implícita, a perigosa e superficial simplificação com que vem sendo tratada, a complexidade deste fenômeno social.

1. RELEMBRANDO O PERCURSO FEITO

Jorge – Penso que podemos iniciar nossa conversa com um histórico dos trabalhos: quando, como começaram, seus objetivos...

Ivete – Sou IVETE DE JESUS – Tenho 48 anos, e praticamente 24 dedicados aos marginalizados. Então, acho que a comunidade nasceu...

Jorge – Quando você diz “a comunidade”, se refere aos trabalhos que vocês desenvolvem junto ao povo da rua?

Ivete – Sim. Mas ela teve antecedentes. Já em 56, quando o grupo das oblatas se formou, com o Padre Inácio, era pensando nos mais pobres. Acho também que ao se formar este grupo, não se sabia bem como seria uma vida beneditina fora do mosteiro. Penso que foi uma aventura desde o início. Daí surgiu a OAF*, pensando nos presos, prostitutas, meninos. Mais tarde aparece o povo da rua, que também foi assumido pelo grupo. A OAF era uma grande instituição, com objetivos claros, que realizava muito bem seu trabalho. Só que depois de Medellín e Puebla, havia um questionamento muito grande da vida religiosa ligada a instituições. Isso também calhou para as oblatas fazerem sua avaliação. Nesse momento a Nenuca, uma pessoa chave...

Jorge – Ela era uma colega de vocês?

Ivete – Era... quer dizer, quase uma fundadora. Tinha inquietações que a levavam a mudar sempre, a tentar coisas novas. Então, em 76, as Oblatas começaram a se encontrar para buscar uma nova forma de vida religiosa entre os pobres e sem instituição. Voltamos para conhecer a rua como ela é e ver o que poderia surgir a partir dos pobres, e não da instituição. Era época que se falava de comunidades, aí pensamos que poderíamos investir na “comunidade do povo da rua”.

Regina – Eu sou Regina Maria. Também pertencço à Fraternidade das Oblatas, estou comprometida com esta realidade desde 77. Acho que essa postura com relação à vida religiosa veio interferir na prática da OAF, que era uma organização que trabalhava com um grande número de pessoas: técnicos, psicólogos, assistentes sociais... E aquele grupo de Oblatas veio questionar toda esta prática.

Jorge – Lembro que vocês comentavam qualquer coisa sobre isso, de que maneira poderiam começar um tipo de trabalho novo...

Regina – Para poder começar uma coisa nova, teve que se matar tudo o que era velho. Não que aquela instituição não fosse boa, porque é, inclusive, um modelo em termos de serviço, de seriedade com relação à população. Acho que foi, assim, você fazer um corte muito profundo para, a partir daí, surgir uma pequena semente. A irmã Nenuca era uma pessoa que estudava e refletia muito em cima da prática. Tinha uma inquietação que fundamentava e partilhava com o grupo, tanto da fraternidade como também o grupo de trabalho. Muitas questões foram checadadas; vimos que os serviços que existiam levavam a uma rotatividade muito grande da própria população da rua. Por sua vez, aqueles que saíam da rua e passavam pelo albergue, entravam num esquema que depois não suportavam porque continuavam sozinhos, às vezes não agüentava

mais a pressão do trabalho... e nem conseguiam mais se integrar na sociedade. Acho que há uma questão social e também a questão religiosa, porque a evangelização era uma preocupação, mas lembro que Nenuca dizia que não tinha coragem, dentro daquela instituição, de falar explicitamente de evangelização, porque parecia uma troca: você aceita o meu credo e eu te dou o documento, acolhida, comida...

Nesse contexto institucional havia uma distância muito grande com respeito ao povo. Aí entra o problema do poder. Não que não exista hoje entre nós, mas a gente tem tentado diminuir.

Era lutar contra tudo e contra todos, porque a sociedade não aceitava, pois a instituição prestava um serviço importante ao pobre, serviço que, em certo modo, amortecia a consciência de grupos da classe média. A Igreja também não aceitava a gente mudar a proposta, porque a nossa proposta era organizar a partir da rua. Quando a gente dizia que buscávamos uma forma do sofrimento da rua se organizar, se unir, os próprios sofrimentos que nos conheciam do trabalho anterior, achavam difícil. Os estudiosos diziam que era impossível fazer grupo com gente da rua. Então... não tinha ninguém! No fundo era só o grupo que acreditava possível fazer alguma coisa diferente.

Ivete – E não sabia como.

Regina – E não sabia como.

Ivete – Por isso que esse grupo teve que se dispor a ir e ouvir, ver como começar!

Regina – Pra mim foi impressionante conhecer outras coisas. Não conhecia o trabalho nas comunidades, da organização, porque sempre trabalhei aqui em São Paulo, vinda do interior. Fomos eu, a Nenuca e Ana Maria, a Vitória, Espírito Santo. Também fomos à comunidade de São Mateus. Foi um deslumbramento, nunca tinha visto! Pensei: se aquele povo tão simples, pobre, tão sofrido, pode fazer alguma coisa... A gente sabia que queria fazer algo junto com o povo...

Ivete – Fazer algo junto com o povo, que não fosse a gente que norteasse, a gente tinha claro, tinha que ser a partir deles. Dado que a gente freqüentava os mocôs – um tipo de moradia do povo da rua – era conveniente que eles soubessem onde que nós morávamos, conhecer nossas casas. Aí viemos pro Glicério, alugamos uma casa. Nela passamos mais de um ano, depois de termos feito muitas experiências: dormir na rua, viajar, dormir nos albergues. Escolhemos a Rua dos Estudantes, um local de muita pobreza e de muita gente pela rua.

Regina – Nesse tempo, a gente tinha a Casa de Oração. Nenuca começou a se reunir com um pequeno grupo, mas gratuitamente, independente da Instituição (OAF), pra conviver e criar uma relação nova, diferente. Acho que a partir

destes encontros e desse dia-a-dia na rua para conhecer a realidade do povo, foram se juntando as coisas.

Em 81 tivemos uma 1ª assembléia da rua. Um encontro muito significativo onde já se falava da possibilidade de se unir para buscar saídas.

Jorge – Quando conheci o trabalho, há alguns anos atrás, uma das coisas que me chamou a atenção, foi exatamente a gratuidade do trabalho de vocês. Não se tentava fazer “comércio” com o povo, “eu dou isso e você me dá aquilo”. Lembro que estava muito claro, na cabeça de vocês, evitar tudo que pudesse ser assistencialismo, embora, por causa do contexto de quase radical insegurança em que vive o povo da rua, a tendência deles seja a de depender dos outros. Como é que o pessoal da rua entenderia isso, que vocês não iam dar nada...?

Regina – Acho que nossa busca era muito séria, você lembra que a gente até fazia treinamento de como abordar as pessoas na rua. Agora parece tudo muito natural, mas para mim era uma grande dificuldade. Lembro que sentei num banco numa praça, junto dum senhor e puxei conversa. Aí ele virou pra mim e disse: “Escuta, você tem alguma coisa pra me dar?” Eu disse: não. Ele: “e então?” Aí eu pensei: que obrigação ele tem de conversar comigo? Ao mesmo tempo era uma impotência, porque, ou você tinha alguma coisa concreta, material, ou... como você colocou, é uma população privada das necessidades básicas, falta tudo. Então, você chegar com a cara e a coragem e não ter nada! Também é muito decepcionante até pra mim! E mesmo assim, acreditar que fosse possível fazer alguma coisa! Aí começamos os encontros das quintas-feiras com o grupinho, ainda nem existia o centro comunitário.

Ivete – É... comecei a conhecer o pessoal na feira, quando eu ficava catando caixas pra fazer uns banquinhos. Fiz amizade com a dona Conceição, com a Maria Branquinha e o Floriano. Floriano e Natan se juntaram nos banquinhos. Queriam saber por que eu fazia aquilo, se eles também poderiam ganhar dinheiro fazendo banquinho. Começamos esse grupinho. Depois comecei a dizer onde eu morava, aí apareciam e batiam na campainha em horas muito diferentes, cada hora tocava um, até insistentemente! Aí já conhecia mais gente, o Natalias...

Regina – Nos casarões abandonados...

Ivete – Eles vinham entravam em casa, tomavam um cafezinho, comiam um pedaço de pão e falavam sempre em comida. Imaginei que seria o momento de marcar um dia e uma hora, faríamos uma tentativa de juntar todo mundo ao mesmo tempo. Pensei... talvez desse para pegar alguma coisa na feira da quarta, aí a gente poderia fazer uma sopa na quinta, em casa, eles trariam o pão, eu cataria a verdura e os condimentos. Fixamos a quinta. Acho que demorou um mês ou dois para ser fixado de fato...

Regina – O dia e o horário são difíceis e importantes em função da dispersão deles.

Ivete – É... havia aqueles: “Ah, não é hoje?” “Não é a hora?” “É mais tarde?” “É daqui a pouco?” Mas a gente manteve esta quinta durante muito tempo. Aí criamos um grupo que começou a vir para a reunião da quinta.

Da sopa passamos para um lanche, porque não tinha mais condições. Discutíamos o que eles queriam. Tinha muita brincadeira, cantos... E depois começamos até a agendar a reunião: que tipo de assuntos vocês gostariam de conversar? Sempre vinha a violência, o problema da moradia, do banho, dos curativos, dos documentos, da bebida... Como tinha amigas que também se interessavam pelo povo, como umas irmãs missionárias, na época da Campanha da Fraternidade, a gente tentou que o tema fosse da campanha, o tema da migração...

Regina – Para onde vai...

Ivete – Aí propus: em vez de comer na quinta, a gente também come na quarta, aproveitando a feira. Começamos a sopa junto do viaduto numa lata de 20 litros. Houve muita dispersão, muita dificuldade, eles achavam uma brincadeira aquilo lá, então ridicularizavam um pouco: falavam que iam tomar água, que aquilo não era comida... Mas tinha algumas mulheres com as quais foi se criando um pouco mais de respeito. Aí, vinham pra casa, mas não cabiam mais em casa, já eram 15, 20 pessoas na sala.

Jorge – Quando você diz “aproveitando a feira” é porque o pessoal apanhava a xepa no final da feira, e com isso se preparava a sopa.

Regina – Um detalhe é que o pessoal na rua só catava fruta.

Ivete – Algum grupinho fazia a sopa...

Regina – Mas era muito pouco. O importante foi criar um ambiente onde se fazia alguma coisa em comum e que começasse a haver um mínimo de respeito.

Ivete – É, porque a violência era grande! Às vezes a gente nem sabia se terminava a sopa! Acontece também que ali se encontravam os inimigos, porque sempre estavam fugindo um do outro. Então, foram uns 2 anos de extremo conflito de convívio. Hoje raramente temos uma briga.

Jorge – Então, foi aparecendo um grupo mais permanente...

Ivete – Tínhamos um grupo de referência, que não chamávamos de comunidade, mas “Grupo do Glicério”, pois a gente tentava criar uma identidade. Sentia-se a necessidade de um local de encontro. Aí surgiu uma casa perto da nossa e tentamos alugar, mas como tinha vários cômodos, achamos que pegar a casa toda seria demais naquele momento. Alugamos uma parte. Depois da

sopa, a gente já tinha onde guardar a lata, cascudas, colheres, e tínhamos um lugar de encontro. Foi um passo grande, o lugar começou a ser chamado de “casinha”.

Naquele momento, a irmã Mercedes acompanhava essa caminhada. Pensamos que a sopa podia ser refletida, em termos de evangelização. Criamos um curso de Bíblia. Foi muito freqüentado e falado. Por ocasião do mesmo, viu-se que devia haver um grupo fixo para organizar a sopa. Também fizemos uma eleição para dar nome à casa. Ganhou “Casa do Povo Sofredor”, mas não pegou. A casa continua sendo “casinha”, mas pegou o nome “sofredor”.

Regina – É que “sofredor” já tinha de outros encontros, até de um grupo de teatro que eles organizaram. Numa peça que eles representavam, a polícia abordava o grupo, aí a resposta deles para a polícia que os chamava de maloqueiros, foi que eles não eram maloqueiros, que eram sofredores.

Ivete – Mesmo na nossa equipe este nome deu muita polêmica, por causa daquela situação de colocar-se como vítima.

Jorge – Uma imagem muito passiva...

Ivete – É, o sofredor, aquele que precisa receber. Mas acabava sempre aparecendo, quando vinha a polícia, mesmo aqui no Glicério, eles se autodenominavam sofredores. E isso ficou.

Jorge – Ivete, quero te fazer uma pergunta, você comentou que não conseguiam organizar melhor o pessoal no caso da sopa. Não entendi a relação do curso de Bíblia e essa organização posterior. A impressão que tive é de que se fez um grupo de Bíblia para poder conseguir... Aí não ficaria muito...

Ivete – O tema foi proposto por eles numa reunião; consultamos e apareceu a Bíblia, muito claro... No curso da Bíblia, havia uma relação entre texto bíblico e vida. E a referência da vida tinha, entre outros momentos, o da sopa. Eles falavam “a sopa da Ivete”...

Regina – Sim, mas ela é até hoje...

Ivete – É, sempre chamaram assim. Era uma série de temas: doenças, realidade, política... Posso lhe dar esse cursinho, que lá está mais explícito.

Jorge – Acho que entendi: seria pensar a história deles, à luz da história do povo de Israel?

Ivete – É. Agora, nessa época, já dávamos ênfase às festas de aniversário, à disputa do dominó, ao bingo... Havia uma parte recreativa que tentava criar toda esta amizade entre o povo...

Jorge – Sabem, sempre achei que o aparecimento dessa casinha pro pessoal se encontrar foi um passo muito importante. Ter um espaço onde se sentissem à vontade, onde não fossem incomodados, onde fossem bem recebidos mesmo estando bêbados...

Ivete – Nessa época um tema da campanha veio ajudar muito na casinha: “Fraternidade sim, violência não”. Ele foi muito explorado, debatido, teve muitos confrontos, mas ajudou a criar muita amizade entre o pessoal e a unir, a não tirar a faca só porque uma pessoa me olha de lado... Então, tiramos critérios de convivência... E um dos critérios da casa seria não usar da violência. Alguns queriam até incluir a bebida. Foi debatido. Mas ficou o único critério: a violência não, o resto sim...

Jorge – Estabelecido por eles mesmos?

Ivete – Estabelecido pelo grupo, e pegando exemplos concretos: a faca do Chicão, a tesoura do Zé Francisco, a faca do Zé Pretinho...

Regina – A partir desse encontro é que vão surgir mudanças na vida do povo. Porque – se lembra, Ivete – foi a primeira ocupação duma casa.

Ivete – É, mas antes, viu-se a necessidade de abrir a casinha várias vezes por semana. Mas, o que fazer? Só jogar dominó? Começou-se a discutir o que fazer juntos. Aí falaram: “Ah, podemos catar papelão”. “Ah, mas não temos carroça!” Então, surgiu a idéia de se fazer uma carrocinha, onde nasceu o Gasparzinho...

Jorge – O Gasparzinho é o nome de uma carrocinha?

Ivete – Da primeira carrocinha. Nessa época a gente já ocupava a casa inteira. Então, com a carrocinha, já se podia ter um grupo que fosse catar papelão junto, ir à feira da Bela Vista e comer juntos... Discutia-se trabalho e moradia. Às vezes pediam pra dormir na casa... Então, o critério era que a pessoa estivesse engajada no grupo.

Jorge – Lembro que numa das minhas visitas, o que me chamou a atenção, foi como se conseguiu ir organizando internamente o funcionamento da casinha. Podia se ler numa programação afixada na parede, qual era a equipe que faria tal ou qual coisa.

Ivete – É. O próprio banho depois, por exemplo, já era organizado.

Regina – Tendo presente que não se tratava de abrir só para jogar dominó, mas também em função de alguns programas, a partir daí também foram se dividindo responsabilidades. Num aniversário os aniversariantes eram responsáveis pelo bolo, ou pelo suco, tinha um programa, tinha a parte de arrumar a casa, enfeitar, fazer uma brincadeira...

Ivete – Aí surgiram os artistas: o Nelson que começou a desenhar, o Francisco a fazer poesia, o Zé Francisco a fazer música e discursos, as flores sempre eram o Zé Francisco ou a Cinira que arrancavam dos jardins... Foi um momento que teve um aspecto cultural muito forte, que surgiu mesmo do pessoal.

Jorge – Entendo que nessa altura já havia um grupo mais permanente. Alguns já tinham deixado de beber, foram assumindo responsabilidades...

Outro passo que achei interessante na época, foi quando o pessoal começou a morar em algumas casas abandonadas.

Ivete – Muitos moravam em casas abandonadas, só que em todas as reuniões a grande queixa era a falta de respeito, o perigo que corriam nestas casas, porque reinava a lei do mais forte. O grande problema nas casas que eles viviam, além da sujeira era a falta de qualquer critério pra uma moradia coletiva. A gente acompanhou muitas mortes nessas casas. A primeira tentativa nossa foi ocupar uma casinha na esquina de um parque, mas no dia que a gente conseguiu abrir; à tarde uma pessoa fechou. Depois conseguimos a casa que até hoje tem, que chamam “Os Quatinhos”.

Jorge – Entendo que se trata de casas que os donos praticamente abandonaram, fechadas anos e anos, e muitas vezes caindo aos pedaços...

Ivete – E nesse momento, casualmente, havia algumas no Glicério. Essas 5 casas que nós ocupamos hoje, também eram abandonadas, foram prostibulos, pensões de travestis, não pagavam água, luz, alguns sofreram processo de despejo, outros abandonaram porque a casa não tinha mais condições de ser moradia.

Jorge – Uma das coisas que também me chamou a atenção é que na época, o grupo que entrava já assumia a casa; havia umas “regras do jogo” que eles mesmos estabeleciam, exatamente em função de uma convivência...

Ivete – E depois, os mesmos que estabeleciam essas regras, acabavam não agüentando o que era estabelecido. Então, acabavam até saindo. Conforme iam chegando se colocava os critérios, quer dizer, a moradia seria para quem de fato quisesse mudar de vida. Ou seja, pelo menos deixar a bebida e começar algum tipo de serviço que desse pra pagar um fundo de moradia, água e luz, o mínimo...

Regina – O primeiro grupo que ocupou a casa não ficou, porque era de maloqueiros mesmo, como eles chamam. Acho que foi uma posição da própria comunidade. Se fosse para fazer da casa a rua, o lixo, não valia a pena a gente brigar. Porque essa casa, embora abandonada, tinha um intermediário que já teve posse dali, e ele veio e queria a casa de volta...

Ivete – Ele vinha à noite, com polícia...

Regina – Então a gente teve um confronto. E pra ter esse confronto e deixar a casa com um lixo deste tamanho, a gente viu que não valia a pena! Tanto que esse grupo saiu.

Ivete – Aí veio o Francisco Antônio, Benedito, Nelson... com um programa de moradia.

Regina – Começou a se pensar na água, na luz, mutirões para fazer banquinhos, campanha pra poder pagar as contas atrasadas, arrumar o telhado, desentupir o esgoto...

Ivete – Voltando à “casinha”, devemos dizer que ela foi sendo um centro de convivência, com tanta assiduidade de pessoal, que as festas de aniversário tinham que ser feitas fora, na própria rua, porque não cabia mais o povo.

Jorge – Eu vou conversar com o pessoal da cooperativa, mas seria oportuno lembrar rapidamente que, aos poucos, dentro do próprio processo de trabalho, apareceu a possibilidade de criar a associação de catadores...

Regina – Nasceu da necessidade de um pequeno grupo que já catava papel. Um ponto que acho importante ressaltar, é que as coisas aconteceram dentro de uma necessidade: ninguém inventou a carrocinha, nem o centro comunitário. Em 85 surgiu a associação, a partir de uma questão da cidade, porque a administração perseguia os catadores de papel. Então a associação nasceu como uma defesa, né?

Jorge – E que desembocou depois na cooperativa?

Regina – Na cooperativa.

2. A PROPÓSITO DE MODELOS E DA PEDAGOGIA

Ivete – Sempre é assim... nós não temos modelo para o trabalho, ninguém, em lugar nenhum...

Jorge – Isso ficou claro, acho muito interessante.

Ivete – E não tendo modelo podia parecer que as coisas partiam do espontâneo, mas havia uma escuta da gente, uma atenção aos acontecimentos do dia-a-dia, para torná-los num caminho que tivesse continuidade para o próprio sofredor e para a própria comunidade. Então, às vezes, nem tínhamos pensado fazer tal coisa, mas alguém sugeria; a gente devia ter atenção e entender a importância da proposta. Acho que isso supõe uma pedagogia. A gente vai fazendo das impressões, das possibilidades, acontecimentos que se constituam experiência da própria vida do grupo...

Regina – É, porque ao mesmo tempo que não é pra colocar as coisas de cima pra baixo na cabeça do povo, também você não pode esperar que tudo venha dele, porque, às vezes, o grupo é muito frágil, então ele se vê impossibilitado, mesmo que ele queira, de fazer uma proposta.

Ivete – Se for deixar nas forças dele...

Regina – Você vê, por exemplo, a situação sócio-política: se a pessoa for pensar, é impossível sair dela. Porque você vê o valor de uma vaga ou de um quarto! Ela pode trabalhar, mas como é que vai dispor, hoje, de 12 mil ou de 15 mil cruzeiros para pagar um quarto? A situação é tão opressiva que mesmo que ele queira, não pode fazer uma proposta.

Você tem que estar atento e captar determinadas situações, a partir daí, começar a pensar junto com o grupo. Por exemplo, desde que comecei a acompanhar o grupo de catadores, em 83, pensei que seria bom se se organizassem enquanto categoria de trabalho. Mas era preciso esperar muito tempo! Aí você tem que ir buscando, criando, possibilitando a expressão, a discussão, a busca...

Jorge – Ou seja, alguma expectativa sempre existia na cabeça de vocês. Mas, ao mesmo tempo, estavam abertas ao que o próprio processo do pessoal...

Ivete – Possa possibilitar...

Jorge – E possa confirmar ou negar esta expectativa de vocês, né? E tem uma coisa: o povo com o qual vocês trabalham não é o tipo de povo com que se trabalha normalmente. A situação, as características deste povo, exigem um tipo de relação muito especial...

Ivete – Acho que na relação com eles, tem um problema que sempre aparece: o da auto-estima. Isto, por causa do fracasso, das denominações que levam da sociedade: vagabundos, desordeiros, preguiçosos, malandros, sujos... Então, no grupo, eles não querem se encontrar, porque são todos parecidos, eles se vêem no outro, então acabam eles, o povo, falando mal do povo. Acho que quando no grupo se trabalha a auto-estima, aí as coisas vão brotando devagarinho, porque depende muito disto. Seria quase que o momento onde ele começa a sentir que pode elaborar um projeto e é capaz de realizá-lo.

O grande problema do fracasso é que todos os projetos ou são fantasias ou, se são tentativas, são tentativas inúteis. De volta à família, por exemplo: vão uma vez, a família os recebe, vão a segunda, a família critica, vão a terceira, a família diz: “Agora não, chega! Aqui não pode ter boca de espera, todo mundo tem que trabalhar!” Então, são tentativas que acabam ainda aumentando essa depressão: “Eu não consigo mais nada!”

À medida que vai se trabalhando a auto-estima, acho que a pessoa vai elaborando projetos, às vezes, pequenininhos como: “Amanhã à 1 hora eu vou

em tal lugar". Então, ela vai, volta e diz: "Eu fui, voltei..." Ajudar a colocar isso à tona, é a forma da pessoa ir assumindo um pouco as regras que ela mesma pode fazer, coisas que pode assumir. Esse Marquinho mesmo, sempre valorizo muito quando ele escreve uma frase, quando...

Jorge – Marquinho é aquele rapaz que fez o relato escrito daquele passeio?

Ivete – No trem, quando a gente vinha, eu disse: Marquinho, você é que vai fazer a anotação do dia, porque você tem muito jeito e tenho a impressão que você vai pôr detalhes que são importantes. Então, isso vai ajudando. Eu não sei onde vai dar o Marquinho por causa do seu contexto de vida. Mas sei que isso o ajuda a começar a ter uma pasta, a colocar coisas dentro, a trazer para mim: "Olha, encontrei isso dos direitos humanos... isso falando não sei do que...". Quer dizer, a gente estando atenta a pequenas contribuições, que não é só o dinheiro que ele traz para ajudar a comprar o pão, ou a vassoura que um pega pra varrer... isso vai trazendo à tona, aquilo que está lá dentro e que não tinha espaço...

Regina – Eu acho que todo mundo necessita ser reconhecido, né, porque já pensou você não ser reconhecido pelo teu trabalho, ou pelo que você é... Então, o que a Ivete coloca é o que ela faz com muito jeito, é reconhecer e buscar este valor que a pessoa tem, e isso faz a pessoa se sentir importante, e acho que é bom se sentir importante, você tem que se sentir importante! E acho que, como você mesmo diz, a realidade da gente é tão diferente de tudo que você pode imaginar, são detalhes, são coisas muito pequenas...

Jorge – Ivete, junto com este aspecto da auto-estima haveria outras dimensões, outros elementos na experiência de vocês, que seriam importantes na relação com o povo da rua?

Ivete – Não sei se é isso, mas seria quase que você criar uma escola informal. Não a escola... mas saber que você é um educador a serviço da contribuição que é trazida pelos indivíduos, seja qual for, a da fala, a dos objetos, do comportamento... Por exemplo, os presentes que nós levamos aqui, surgiram na véspera, não estava previsto...

Jorge – Que presentes?

Ivete – Nós levamos um presente lá pra favela do...

Jorge – Ah, sim, quando vocês foram nesse passeio?

Ivete – Quando discutimos, nos perguntamos de que forma fomos, será que lá tem comida? Eu falei: nós poderíamos levar algumas coisas, se a gente por acaso encontrar... Aí, no outro dia, de manhã chegou um rapaz com 3 colheres e dois garfos e disse: "Olha, isso aqui serviria?" Tava sujo. Eu disse: Ótimo, vamos lavar. O Lemos tinha acabado de trazer umas caixinhas da rua, bonitinhas, onde coube direitinho as colheres; Cinira veio com uma tábua de carne

na mão; outro, quando viu a tábua disse: "Eu tenho um caneco aqui, cor-de-rosa." Um canequinho de plástico, bonito, que se vende nas lojas... Aí, a Cinira conversando disse: "Pois é, eu tenho 4 cobertores, será que eu levo dois e fico com dois?" Aí eu falei: Bom, eu tenho, no artesanato, a colher da sopa que o Nelson desenhou, que ficaria muito bem lá para lembrar um pouco a madeira da rua. Dei a minha contribuição. Agora, por exemplo, estas pessoas começam a trazer objetos que encontraram. Acho importante a gente cultivar, estar atento a isto... são instrumentos que a gente não encontra, não adquire, mas que a prática foi mostrando que é por aí.

Jorge – E há outra dimensão no trabalho de vocês. Vejo que dificilmente, na sociedade, alguém pergunta qualquer coisa para o pessoal da rua, dificilmente alguém quer saber a opinião, escutar... Noto que nas relações que aqui se estabelecem, o povo realmente tem oportunidade de se manifestar. É como se as pessoas fossem redescobrimdo que são capazes, que existem socialmente... É como ir descobrindo a própria identidade...

Regina – Aí entra, por exemplo, a questão do nome, isso sempre foi um valor; chamar a pessoa pelo nome e não tratá-la por apelido, a descoberta da identidade, recuperar o nome...

Ivete – E que ela possa dizer o que pensa... Por exemplo, sabemos de educadores que quando a pessoa diz que vai votar em Maluf, já começa a querer induzi-lo: "Não pode votar no Maluf, tem que votar no..." Eu acho que o importante é ela poder dizer em quem ela vai votar. Agora, podemos abrir uma discussão sobre quem é o melhor candidato, mas não eu induzir a pessoa, porque pra mim o importante é ela dizer: "eu voto em tal". É aquilo que vocês falavam, que a gente possa conversar de igual para igual, ele tendo a opinião dele sobre o que for.

Jorge – Ah, o que falamos ontem, naquela reunião...

Ivete – Mas acho que isso se aprende: é o tempo que ensina aos educadores. Acho que esse espaço de liberdade, dentro da comunidade, é precioso e a gente tem que garantir que ele exista sempre. Porque, muitas vezes a gente pergunta: O que é que você pensa? "Eu não penso!" Justamente, não pensam porque não têm oportunidade... A gente tenta ir criando de diversas maneiras essa oportunidade. Tem aquela brincadeira do barquinho, nela, o sofredor fala das coisas que gosta, que o fazem feliz, e das que não gosta... Acho que quando a pessoa tem o direito e a possibilidade de expressar de fato o que pensa, ela é o que ela é. E esses espaços são muito delicados, não é qualquer pessoa que coordena essa conversa, porque pode acabar intimidando. Devemos pensar que ajudamos a recuperar identidades muito esfaceladas, muito destruídas até porque sabem que têm que estar sempre lidando com o poder que o outro, nós detemos...

Regina – É uma questão também de mudança de relação. Porque as pessoas chegam diante daquele que pode e têm que dizer que querem trabalhar, e que perderam documentos...

Jorge – O pessoal já sabe qual é o discurso que vai fazer quando chegar diante daquela pessoa ou instituição.

Ivete – Se diz o que pensa, ele realmente não fica, de jeito nenhum! Uma vez eu fui dormir no Cetren, e pensei o que diria lá, para conseguir dormir. E aí eu disse: eu ia pra casa da família, não fui, perdi o endereço, amanhã vou tentar procurar... “Mas o que a senhora veio fazer em São Paulo?” Eu não vim fazer nada! Aí o rapaz que atendia perguntou: “Mas a senhora quer se hospedar para procurar trabalho?” Eu falei: Não, eu não vou trabalhar mais! Eu já trabalhei tantos anos e não consegui nada, agora não quero trabalhar mais. Vim aqui porque sei que é do governo e eu tenho direito. Aí levantou da cadeira e começou a gritar que se ele, que era mais velho do que eu, ainda estava trabalhando, agora eu tava dizendo que não queria trabalhar mais? E eu: “Não, mas eu não quero mesmo trabalhar mais...” Quer dizer, foi uma coisa pensada que eu fiz, mas criou uma reação na fila! Estava todo mundo quietinho, aí começaram a se mexer, alguns riam... Quer dizer, é o pânico, não é? Aí ele falou que eu não ia entrar. Eu disse: “Não, tenho o direito de entrar, está frio, eu estou com fome. Isso aqui não é para quem precisa? Eu insisti, ele me deixou entrar, mas abaixo de xingos! Porque falei uma coisa que, a priori, não se fala! Porque se tivesse dito “eu quero”. Mas falei que não queria, que não ia trabalhar. É interessante pra nós mesmos, porque tem também os que chegam e fazem o discurso. Mas não procuro desvendar: “Não, eu sei que não é isso...” Ele fala, eu ouço, até que a gente cria uma relação.

Jorge – Então se o cara vem, e diz: “Olha, eu estou vindo aqui falar com a irmã tal, mas eu não sou maloqueiro, eu sou isso, sou aquilo, etc.”

Ivete – A gente fica ouvindo. Agora, ele fica inquieto quando a gente não se preocupa se ele vai trabalhar ou não. Aí ele fica inquieto!

Jorge – Quando vocês não cobram...

Ivete – Quando não se tem o comportamento que esperam “Ah, você quer? Então eu já vou te encaminhar”. Então eles acabam questionando a gente também: “estou dizendo tudo isso e ninguém me responde nada?!” Aí eu digo: aqui você vai participar, vai conhecer, pode surgir emprego, porque às vezes até o próprio companheiro indica emprego. O importante é você vir, porque é na frequência que a gente vai criar possibilidades de você encontrar o emprego que você quer... “E os documentos?” Olha, os documentos, depois, muita gente sabe onde tirar, tem a prefeitura, o estado... Porque se já vou dizendo: “Olha, eu já sei que não é documento, que não é passo, porque às vezes é o passo para ir para Guarulhos e tal, aí você já descarrega no indivíduo a outra face, que é desmistificar tudo, porque também ele está vendo em mim a assistente

social, a irmã que vai resolver lhe dar alguma coisa, a partir da sua extrema necessidade...

Jorge – Estou pensando numa última pergunta: Se vocês deixassem de trabalhar aqui e fossem fazer um dos diversos trabalhos pastorais, grupos bíblicos, comunidades eclesiais de base, etc., haveria alguns elementos da experiência que adquiriram ao longo desses anos, os quais permaneceriam enquanto atitude, modo de ver e se relacionar?

Regina – Eu acredito que sim. E até acho que alguns valores são pedagógicos, que cabem para qualquer tipo de trabalho popular, por exemplo, antes de você propor alguma coisa é preciso ir conhecendo, ouvindo aquilo que possa surgir do grupo. Não colocar coisas que estejam fora do universo do pessoal...

Jorge – O que também significa não chegar com esquemas feitos, não é?

Regina – Nunca! Primeiro conhecer de fato, saber o que é que aquele povo tá pensando, de que jeito, como é que vê determinada coisa... E acho que isso, mesmo depois de 10 anos trabalhando na rua continua atual...

Ivete – E acho que uma das coisas que deve permanecer e que é prioridade, é a convivência. Nós queremos ser igreja, não temos obrigação de responder a esquemas de paróquias, mas sim de criar uma convivência fraterna e que daí possa surgir, de fato, uma fraternidade que seja criativa, organizada, que seja até uma solução concreta. Porque, quando eu vou para fazer determinada coisa, chego e pronto, aí passo por cima de tudo para conseguir aquilo. Por exemplo, gostaríamos muito... às vezes, até nos perguntam: “Não tem alguma coisa para as mulheres?” Gostaríamos de ter, acho que não deu ainda, pode vir a dar. A comunidade se baseia na maioria de homens. Não que não tenha mulher na rua, não que a gente não tenha esse desejo, mas nós não podemos começar a abrir a luta de mulheres sem que de fato nasça de um desejo que venha de alguém, senão vamos criar um grupo sem raiz, flutuante, quase uma caricatura. Muita gente pergunta: “E por que não fazem o grupo de mulheres da rua?” Não depende de mim, eu gostaria, mas não é possível fugir da realidade da própria vida, porque eles vivem muito misturados.

Jorge – Não se trata de forçar uma separação.

Ivete – Por exemplo, separar os casais do grupo, ou negros...

Regina – Nunca! Às vezes o pessoal diz: por que não fazem um grupo de negros da rua? Poxa, não tem cabimento, porque a realidade é misturada mesmo! E também porque senão você começa a estratificar e vai caindo nesses modismos todos aí, na bandeira da mulher, do homem, do negro...

Jorge – Será que o sofredor faz essas distinções? Agora, no caso da mulher, acredito que ela continue a ser tão dominada...

Ivete – É que a realidade da mulher da rua é muito diferente, ela tem uma característica diferente da do homem. Todo o mundo vive junto, com cachorro, com tudo. Separar, não depende de mim. Você talvez gostaria de ter feito muitas outras coisas. Mas tem que aceitar viver os limites que aquela realidade impõe e que, às vezes, é difícil de aceitar, porque há o problema de querer ser herói, de querer dar resultados rápidos.

Jorge – Vocês gostariam de acrescentar alguma coisa?

Regina – Eu estava pensando sobre a importância de que esta realidade seja conhecida, porque a realidade da rua, do homem da rua, é desconhecida para todos, ignorada, aquilo que a gente vive não se encontra nos projetos políticos, é uma realidade muito forte. Realidade que deve ser respeitada, quer dizer, que se fale, que se estude, que se busque, que se aprofundem as questões da rua, e que não se trate de maneira superficial.

Ivete – Acho também que a criatividade que há nos grupos da rua é muito rica. Se a gente pudesse enxergar, por exemplo, como que você consegue viver sem trabalhar? E comer? E você ter roupa sem comprar? Acho isso de uma riqueza enorme, inventar uma forma de viver sem as seguranças e normas a que estamos acostumados. Você vive sem, mesmo que enxergue pouco, vive sem óculo, vive sem relógio, vive sem os aparatos que no cotidiano são tão importantes. Você usa panelas que já foram pro lixo... Você não compra nada na rua! Tem grupos que compram somente a bebida, o resto tudo é inventado!

Regina – Acho que, de qualquer jeito, é um questionamento para toda a sociedade moderna, que é tão estabilizada, tão programada, tão...

Ivete – Você não saber onde vai dormir hoje... Eu acho que há uma criatividade, que há uma resistência que é interessante...

Regina – É uma relação muito conflituosa. Não é só enaltecer. Mas também não deixar de reconhecer o que existe de criativo...

Jorge – Nós estávamos fechando, mas vocês acabam de tocar num ponto que faz tempo me coloca algumas interrogações; será que há de maneira implícita no povo da rua, como que um ensaio e, de certo modo, uma intuição de um novo tipo de sociedade diferente, onde a vida fosse de outra maneira? Lembro que uma vez, conversando com um grupo de sofrendores, perguntei se eles, tendo a oportunidade, voltariam mesmo a se integrar na sociedade. Baseados na sua experiência, levantaram uma série de questionamentos com respeito ao trabalho, ao salário, a um horário escravizante, no fundo, ao próprio contexto de vida. Voltar, até que voltariam mas não para entrar nesse esquema. Vocês acham que procede essa suposição?

Ivete – Isto não é claro, mas há, porque muitos, às vezes, dizem: “Eu, aqui na comunidade, encontrei o que nunca encontrei em nenhum lugar”. Mas não é na comunidade, é na relação que ele encontrou. Ele encontrou, por exemplo,

o amor, o afeto, o tempo, então isto é sempre relatado quando as pessoas tomam a palavra num aniversário, numa reunião, ou às vezes em alguma despedida. Outro dia eu falei: puxa, mas vocês têm tempo pra rir, tempo pra... E eles: “Graças a Deus, temos muito tempo pra bater papo”. Há um aspecto que indicaria uma nova sociedade: que não se precisa de tantos instrumentos para se viver. Mas isso não é verbalizado.

Jorge – Quando digo “uma nova sociedade” é no sentido de que, conversando com eles, noto que questionam elementos substanciais da atual sociedade. E ao questionarem é como se houvesse uma expectativa de que isso fosse superado, de que isso se desse de outra maneira.

Ivete – Eu acho que a gente percebe isso, embora depois, por causa da dureza da rua, isso fica velado. Há também a liberdade de ser o que em casa, no trabalho, não conseguiu.

Embora se acentue muito a parte da opressão, no fundo, todos que relatam, falam coisas de muita vida, de muita riqueza, sem máscara mesmo. Às vezes parece que é só na rua que tem sofrimento, mas os sofrimentos da sociedade estão escondidos. Quer dizer, o sofrimento está em todas as classes. Na rua ele aparece mais porque está mais desnudado, mas há possibilidade de muita felicidade.

Quando foi o aniversário do Rocha, que nós fizemos cartazes, cada um confeccionou o seu. O dele está cheio de violões, de cantores, campos, barras, praias... Quando foi explicar o cartaz, ele disse: “É porque é isso que eu gosto, é do lazer. Minha vida está pra isso”. Ele não queria, não pedia nada! É aquilo que ele gosta. Está lá no cartaz, bonito, muito bem pintado. Aquela ministra do trabalho, que ele colocou, “porque ela é bonita”. Então colocou no meio. Então, são coisas que até parecem contraditórias, mas é preciso olhar com outros óculos para entender...

Regina – Porque está tudo misturado...

Jorge – É. A vida é isso mesmo.

Regina – E você se dá com tanto tipo de pessoas, com tantas, e não dá pra você ver, mas existe essa possibilidade, acho que acaba sendo um grande questionamento para a sociedade. Não é sem objetivo, a gratuidade não é pela simples convivência, é para tentar achar a solução.

Ivete – E às vezes não é nem para aquele cara, mas é a solução para a realidade que eles estão vivendo.

3. O QUE SE QUER COM ESSE TRABALHO

Jorge – Agora uma pergunta que parece estranha depois de toda esta conversa, mas aí vai: afinal o que se pretende com todo esse trabalho?

Ivete – Eu acho que aí tem duas faces, a face que é uma opção a partir do Evangelho, para nós religiosas, que é por causa do Evangelho que a gente se dispõe a estar nesse meio...

Jorge – Quer dizer, o ponto de partida do trabalho, no caso de vocês, é a dimensão de fé...

Ivete – É a dimensão de fé, como a regra de São Bento sempre diz que o monge é um solitário, que vai encontrar o povo, o peregrino, o hóspede. Para nós seria aceitar a solidão do celibato, esta solidão até fora de algumas estruturas, por causa do pobre mais pobre, que é o pobre marginalizado...

Jorge – Você falava de duas dimensões, uma que é a religiosa...

Ivete – E a outra dimensão é, acho, a dimensão social, política, cultural, que é a de tornar as pessoas dispersas e à margem, cidadãos que participem da sociedade que está aí, integrando-se ou não, mas que possam ter o seu espaço de cidadão, como nós temos. E não fazer isso a partir de cada indivíduo, mas a partir da organização do próprio povo. Acho que seria um pouco por aí.

Pra mim, é um pouco furar o esquema que está aí, porque nele, principalmente o pobre da rua, o marginal, não tem o direito de furar o esquema. Eles têm direito de receber algumas coisas que sobram das estruturas, mas participar como cidadão, eu penso que eles não têm muito direito, que nem na própria Igreja se vê possibilidade disso...

Jorge – De fato não têm direito. Na realidade...

Ivete – Não têm direito. Nem na política, porque eles não dão valor ao voto, muitos nem chegam a participar do mercado de trabalho. Então eles têm direito de receber algumas coisas como mendigos, de caridade, “eu dou para fazer caridade”, então eu dou pão duro. O indivíduo que vai pra minha porta, se joga o pão duro no chão e pisa, eu digo: Então nunca mais dou nada!

Jorge – Temos então a idéia dum espaço na sociedade, a própria cidadania, e a idéia de possibilitar um espaço, físico até, qualitativamente diferente do dia-a-dia da rua...

Ivete – Nesse espaço, eles vão se conhecendo, se encontrando como povo, que pra nós é quase se encontrando como irmão. Aí é que aflora a solidariedade, não que falemos sobre o que é ser solidário, mas procuramos criar fatos solidários: é a festa, é propor algo em comum, soluções em comum...

Existe aquele chavão, “que o povo tenha vez e voz”. Acho que na prática, a gente vê isso. Fazemos tudo para não falar pelo povo, mas criar condições

onde o próprio povo fale da sua realidade. Não é o caso da gente transmitir a realidade que eles vivem. A gente nunca vai transmiti-la, de fato, porque ela não é nossa vivência. Trata-se de possibilitar um espaço onde ele vai desenvolvendo uma capacidade e uma possibilidade de dizer a sua verdade.

Acho que a missão que realizamos anualmente é um momento em que, de um jeito ou de outro, se tenta explicitar essa realidade não só para a sociedade mas também para o próprio sofredor. Um momento onde ele possa vivenciar experiências de política, onde possa vivenciar coisas que talvez ele não tenha vivido nem na própria família. Aí entra também este aspecto do religioso, da proposta de Jesus, que a gente acredita, né?

Jorge – Estou pensando em algo que é profundamente educativo: possibilitar experiências de vida diferente...

Ivete – É. Que ele possa vivenciar algumas experiências que sejam também uma luz, para, quem sabe, sair desta situação de tanta dureza, porque a vida dele é esmagante, acaba mesmo com o indivíduo, sabe?

Acho que a gente não pode dizer o que leva uma pessoa à rua, que seja um motivo só. Não basta dizer que é o desemprego, ou o desajuste, ou o álcool, ou o sistema, porque é muito complexo o problema da rua. Mas ali, na comunidade, acho que ele vai podendo conhecer outras experiências de vida, de pessoas com quem às vezes se identifica, e descobre que ele não é o que pintavam aí, isso da sociedade dizer que ele não presta, que é um vagabundo, que não dá pra mais nada. E ali vai descobrir que ele pode, que tem a sua contribuição para dar. É um espaço de participação. A comunidade só tem sentido, enquanto possibilita a pessoa participar. Ser, de fato, um agente: que as coisas não venham tão prontas, embora, com frequência, a gente tenha que possibilitar.

Jorge – As condições de vida dos sofredores são tão aniquiladoras que eles...

Ivete – Na prática, o espaço possível para o povo é debaixo de um viaduto. A gente fala muito da humanização. Agora eu pergunto, como é que a pessoa pode se humanizar, se ela não tem lugar para tomar um banho?

Jorge – Para ficar à vontade...

Regina – E conversar...

Ivete – Poder chegar e... Lá tem um rádio que está cheio de cupim, tá até meio caído. Aí eles chegam, ligam o rádio e ficam lá, ouvindo, aquilo é bonito, alguns têm adoração pelo rádio! Isso é importante! Ele pode ter essa liberdade de chegar e... Claro que você também tem que lidar com pessoal ousado mesmo, com casos e situações antagônicas até. O Djalma, que a gente não sabe onde ele está agora, é bem ousado. Se ele chega na comunidade e vê cancionários antigos, rasga tudo e põe no lixo! Tudo tem que ser atual. Um dia eu estava aqui, ele chega: “Preciso falar com a senhora”. Diga, Djalma. “Dei um pontapé

na porta e abri a porta da comunidade, porque aquilo lá tem que ficar aberto, não pode ficar fechado". São ousadas que não dá... Aí eu digo: vou chamar a polícia pra você, você rebentou, foi demais! "Eu vou dizer que aquilo é do povo, tem que ficar aberto". Não digo que ele fez bem, mas tenho que ter com ele uma relação de recíproco respeito. Falei: Olha, vou chamar mesmo! Aí ele deu uma volta e: "Não, não chame não, eu não vou fazer mais. Eu acho que tem a hora de abrir, senão o pessoal vai abusar mesmo, né, esses maloqueiros aí tudo na boca de espera". São coisas que fazem parte do dia-a-dia. Fui lá e estava aberta mesmo, porque a porta é muito frágil. Mas ele fez questão de vir me contar. Isso para ilustrar como há casos diferentes e antagônicos, mas que enriquecem o perfil do trabalho.

Regina – A trajetória que a gente tem há tantos anos não é...

Jorge – Retilínea...

Regina – Não é... é o que alguém falava ontem, cada época é a cara de quem está, do grupo. Acho que se a gente vai ver todos esses anos, a comunidade foi tendo aspectos mais acentuados ou mais fortes.

Ivete – Até mais ricos ou mais pobres...

Regina – Mais pobres, mais ricos, mais organizados. Mas isso tudo é muito dinâmico.

Jorge – Depende muito das pessoas que estão. Lembro a época daquele grupo de música que chegou a gravar uma fita, e que foi uma oportunidade muito bonita porque as pessoas estavam aí...

Regina – Exatamente, acho que é muito isso. Depende muito, pois os acontecimentos mudam, as pessoas mudam.

Ivete – Há um aspecto que tenho notado e que acho muito válido, poucos dizem que estão em tal ponto por causa da comunidade. E a gente sabe que a comunidade influenciou. Há um rapaz que tem relação com gente do mundo inteiro, com a Igreja de São Paulo toda, por quê? Foi a comunidade que possibilitou e o introduziu nesse meio. Mas ele é ele. Quando ele relata, é um caminho dele, ele não está atrelado à comunidade. E isso acho muito bonito, quando eu vejo as pessoas...

Regina – Recuperarem de fato a sua identidade.

Ivete – Recuperar sem ficar devendo favor. Isso eu acho que é uma riqueza muito grande, em termos sociais, antropológicos, em termos de recuperar a identidade. Essa autonomia que a pessoa pode chegar a ter sem ficar devendo...



Na noite paulistana, o povo da rua atravessa a cidade, com uma luz no rosto.

4. O PODER PÚBLICO E O POVO DA RUA

Jorge – Vêm aparecendo experiências diversas com o povo da rua. Aí eu penso: se houvesse pessoal disposto a se lançar a este trabalho e perguntasse: "Que dicas vocês me dariam para um trabalho desses?" O que vocês fariam?

Ivete – Só antecipando um pouco isso, acho que agora surgem, nem são pessoas, são organizações, Igreja e a própria prefeitura que começam a olhar o povo da rua e a ter que responder. Assim, por exemplo, a prefeitura se vê obrigada a responder por um problema no qual ela não pensou e que não estava no seu projeto, só porque o incômodo é tão grande que ela tem que fazer alguma coisa. Aí a prefeitura começa a pensar: "O que é que nós vamos fazer?" Aí, até fomos consultadas.

Regina – Porque podem ter duas atitudes...

Ivete – É um fato novo que a prefeitura tem de enfrentar. Por outra parte, acho que o aumento do homem que vive na rua é enorme, em São Paulo cresceu muitíssimo. Tem também a Igreja que se volta para a área urbana, como uma prioridade. A pastoral urbana se defronta com o homem na praça, nas escadarias do templo... Então é o grande desafio. O trabalho na periferia parece que chegou ao seu auge e agora haveria como que uma acomodação, ou um cansaço. Parece que a Igreja não tem instrumentos para trabalhar em situação urbana, tem que reconhecer que todos os instrumentos que dispõe são rurais, embora tenha dado certo na periferia. Sem instrumentos adequados não adianta falar em pastoral urbana. Para mim os instrumentos seriam esses, você não se preocupar de tapar o visual, mas de aceitar conviver com ele para poder

entender o que é que tem por trás de tudo isso. Tem padres que começam a querer resolver, sem querer conviver. Então, o problema grave de tudo que está surgindo é a expectativa grande de fazer com que essa situação desapareça, ou pelo menos não incomode tanto. Porém, se for com esse intuito não vai dar. Porque se fala, por exemplo, que com o homem da rua você tem que ser paternalista. Aliás, tenho a impressão que as atitudes de muitos pastores e de muitos trabalhos de moradia na favela são bastante paternalistas. O caso do homem de rua é diferente. Se consegue morar num viaduto, isso é uma conquista de luta muito grande, que não foi dada, foi conquistada. E isso ninguém reconhece. Então, quando querem tirar o povo do viaduto e tal, esquecem que pra ele morar embaixo do viaduto, fazer o seu barraco, foi uma conquista em que não teve ajuda absolutamente nenhuma. É de fato uma aventura que ele se dispõe a fazer, embora à revelia, porque é o PM que destrói, é a prefeitura que leva, é a briga que queima e ele resiste ali. Então, se a gente não leva em consideração que mora de fato, numa luta, aí eu acho que não acertam não.

Jorge – Conversando sobre novas experiências junto ao povo da rua, você me falava uma coisa mais ou menos assim: “Olha, Jorge, daqui a pouco nós vamos ter multidões sendo alimentadas, ou recebendo alguma roupa, mas com isso não se resolve o problema. O problema é outro”. Quer dizer, não se trata simplesmente de dar...

Ivete – Porque até pode dar, porque às vezes tem que dar, está lá na praça passando fome, alguém passa e dá, não tem porque não dar. Eu mesma, às vezes, quando vou à Sé, que encontro pessoas que até já vieram à comunidade, eu dou dinheiro, até para compartilhar assim, porque eu estou com dinheiro: por que não o Zé Carlos ganhar 50 cruzeiros ou vinte, para fazer o que ele queira?

Acho que a situação econômica é tão grave, que expulsando o povo do cortiço e praticamente da favela, haverá multidões que não têm onde morar mesmo! Agora, tratar isso como um caso individual? A gente falava para o pessoal da prefeitura, que é preciso, por exemplo, ter na cidade lugares onde o indivíduo possa fazer sua higiene, ir ao banheiro, tomar um banho, isso ajuda a buscar seu caminho, a prefeitura não precisa adotar esse homem. “Ah, mas fazendo banheiros nós estamos institucionalizando a moradia na rua”. Mas a moradia na rua não vai depender do meu querer, é o próprio homem que cria para poder sobreviver. Porque, quem quer morar na rua sem nenhuma privacidade? Não é escolha. Agora, a pessoa na rua se vira e cria... uns acabam nunca tendo moradia, carregando sua sacola, é o seu jeito de viver; outros têm uma necessidade enorme e acabam criando sua casinha, seja aonde for, seja embaixo de uma árvore, seja embaixo do viaduto, seja nos canos lá da Sabesp* ou na própria carroça. Agora, pra mim, é uma conquista imensa que ele faz, sem nenhuma ajuda, sem nenhum apoio. Quem passa ainda chia, culpa-o de não ter onde morar. Quantas vezes se extinguiu a favela da Barra Funda?

* Sabesp: Saneamento Básico do Estado de São Paulo.

Depois começou a se pensar em reurbanizar a favela, e muita gente que morou em favela, hoje tem o seu terreninho e a sua casinha. Ele fez seu caminho, mas recebeu apoios sociais: ter uma favela com esgoto, com água e com luz. Na medida que você marginaliza do convívio social um determinado local e seus moradores, você possibilita a violência. Então, vira um lugar em que ninguém pode entrar, que tem medo. Houve umas mortes no viaduto. Falaram: “Veja, sofredor matando sofredor!” Eu falei: pois é, quando a pessoa não consegue participar da convivência social, eles resolvem entre eles mesmos! Estão tão amargos que acabam vivendo em seu reduto, sem nenhuma lei, sem relação com o mundo exterior, mesmo que fosse de confronto. Agora se eu mato um cara aqui na frente, tenho que fugir, ou sou pega, porque o ambiente me acusa. Mas se eu fico lá enterrado, sem possibilidade de conviver, de inserção social, acabo criando leis extremas, como esta de matar 3,4 pessoas e conviver ali com cadáver semi-sepultado... Acho que não se trata de tirar, mas de deixar a pessoa participar. E, à medida da participação, ela cria caminhos.

5. QUESTÕES COMPLEMENTARES

Jorge – Existiriam então aspectos na vida do povo da rua, que são um questionamento da sociedade, da nossa vida...

Ivete – Acho que há um negativismo muito grande a respeito do estilo de vida que o povo vive na rua. A gente percebe alguma coisa, mas não sabe verbalizar muito bem, porque tudo ainda tá muito preso a certo conceito, certa moral do trabalho. “Fulano deve voltar a trabalhar”. Não importa que tipo de serviço ele faça. Importa é ele voltar a trabalhar. Agora, a gente vê que muitos não retornam e apesar do sofrimento na rua, permanecem, porque criam-se relações verdadeiramente afetivas. E isso só tendo muita sensibilidade pra perceber. As amizades são profundas e independentes do econômico. Existe um estilo, uma qualidade de partilha que não existe talvez nas outras classes, que pensam em acumular. Acho que isso a gente nota muito. Por exemplo, no sepultamento de um sofredor, ontem à tarde, a Elizabeth, que foi da rua, ligou chorando, dizendo com que frieza o grupo foi enterrar ontem o morto. Que não queriam abrir o caixão nem na capela do cemitério, nem na hora da sepultura. Que ela ficou louca e obrigou que abrissem. Porque seria demais não dar, naquele momento, um espaço pra chorar, pra rezar, pra ver. Com ela foi gente que não é da rua, mas pouco sensível pra uma questão muito afetiva, quer dizer: “Morreu, vamos enterrar, é mais um”. Uma assistente social disse no caminho: “Ah, já nessa semana morreram sete.” Aí ela ficou chocada com essa palavra. Sendo que ali era o Claudionor, um compaheiro. Um homem que conviveu, que trouxe aos filhos sempre alguma coisa pra comer. Elizabeth se autodenomina “Poetisa da Sarjeta” e já tem três livros editados. Hoje mora na periferia com três filhas. Então há uma sensibilidade, se dá um valor ao relacionamento que, às vezes, em outros melos acaba estereotipado.

Regina – Às vezes a gente sente que é um ato social... Agora, lembrando esse detalhe que Jorge colocou a respeito de como se aprende, como se vivência uma experiência diferente, seria bom exemplificar com um caso que ele

conhece. É um rapaz que saiu da rua, Francisco. Não ficou muito na rua. É repentista, poeta e trabalha. Ganha relativamente pouco, mas é o suficiente para manter a família numa vida muito modesta. Não são necessidades básicas que ele deixa a família passar. E ele prefere trabalhar só um período, a outra parte ele prefere se dar, pra ele poder conviver, se relacionar, escrever, levar a idéia da comunidade, da situação da rua. Então você vê uma preocupação não só com o que eu posso ganhar e o que posso obter em termos materiais, mas também é o que me constrói como pessoa, que me dá meu valor assim, pessoal. Comer, todos comem. Comprar roupa, todos compram. Mas escrever um verso, é o Francisco que escreve. Então eu acho muito bonito ele se dar este valor e este tempo. Mesmo que isto custe às vezes até um esforço a mais. Essa atitude não é comum, principalmente hoje em dia que todo mundo quer ter mais, acumular mais, que o valor está quase no ter, não no que você é. Pra mim é um exemplo assim muito forte.

Jorge – Gostaria de encerrar, explicitando rapidamente algumas questões. Tem um ponto que a gente já tocou, mas seria para complementar, tá? Com frequência, quando se fala dos fatores que acabam influenciando para o povo ficar na rua, se concentra toda responsabilidade em fatores econômicos. Pelo que percebo, diria que o elemento econômico é importante, claro, mas parece que há outros fatores que também são determinantes. Então a pergunta é a seguinte: baseadas numa experiência de tantos anos com o povo da rua, vocês poderiam dizer quais são os fatores determinantes para o pessoal acabar na rua?

Ivete – É um pouco difícil, não sei... Tem o fator econômico que agrava a situação da rua. Hoje é grande a população que vai pra rua. Aí a gente nota que acontece como que uma migração pra um desconhecido, onde a pessoa vai buscar algo que ela nem sabe, ao passo que rejeita o que tá vivendo. A rua seria a busca da solução, quase que inconsciente. Por exemplo: quando ele briga em casa com a mulher, não tem dinheiro pra pagar as necessidades básicas da família, bebe, quebra, sai da prisão, da FEBEM, perde documentos, é mandado embora, não tem família que o apóie na cidade. Então a rua acaba sendo, não uma opção pensada... não sei dizer bem, mas um deixar acontecer. Por exemplo, às vezes a pessoa fica na rodoviária porque não tem outro jeito. Aí acaba recebendo o convite de um companheiro, de um grupo, acaba fazendo novas amizades e, no fundo, descobre também o que há de mais caro pro ser humano e que tá lá dentro, o afetivo! Quando ele conversa ele só sabe o que ele não quer. Ele não quer trabalhar por um salário pra morrer de fome, não quer mais ser escravo das construtoras, não quer viver mais com a família que sempre tava jogando na cara que ele é ovelha negra, o bêbado, não presta, que é incapaz, parasita... Na rua ele vai encontrar grupos, onde os valores dele começam a sobressair. Seja o da solidariedade, o dom de falar, de cantar, de ajudar... Alguém tá doente, ele tem uma facilidade de ligar e falar assim com certa autoridade que tem um doente, que a polícia tem de vir recolher. Então aparecem valores que, ou no trabalho ou na casa dele, não apareciam de forma nenhuma. E isso acaba sendo também reconhecido pelo grupo. E o grupo começa então a denominar, por exemplo: Cinira é missionária da rua, Washington é o cantor da comunidade, Francisco é o poeta, a gente tinha outro, o Rildo

tinha o dom da palavra, o Marquinhos é o jornalista. Então são valores que teriam espaço naquela sociedade onde... Então começa a criar uma identidade, mas não uma identidade só de nome, mas uma identidade baseada nos talentos. E isso enriquece muito o cara que tá na rua. E aí, muitas vezes ele prefere sofrer na rua, do que perder esse talento que foi reconhecido no grupo. Na rua sofrem frio, chuva, violência entre eles, da polícia, mas há alguma coisa que dá muita vida, que são esses talentos que eles têm possibilidade de mostrar e o grupo acaba reconhecendo.

Jorge – É uma situação complexa, que exige muita atenção de quem se aproxima dessa realidade.

Vejamos outro ponto: na relação de vocês com os sofredores, noto que aparecem duas tensões muito interessantes. Explico: o sofredor precisa de um espaço onde ele possa se sentir à vontade, mas ao mesmo tempo é preciso definir certos limites. Então, como lidar com essa relação entre liberdade e limites? A outra tensão é a que se coloca entre fazer um trabalho em que o pessoal se sinta e seja protagonista e as situações em que você acaba dando alguma coisa. Como ajudar sem reforçar a dependência, ou melhor, favorecendo a autonomia?

Ivete – Em relação à tensão da liberdade, acho que a pessoa deve sentir que pode ter e manifestar, por exemplo, suas iniciativas; a gente procura sempre, também usando dinâmicas, que ela seja a protagonista. Suponhamos que a pessoa sugere que gostaria de festejar o seu aniversário, então isso pode ser motivo para um encontro. Como seria melhor festejar? Aí a gente vai procurando o que a pessoa tem possibilidade de fazer por mínimo que seja, que dê a sua participação pessoal.

Dentro da comunidade, começa-se a ter critérios que o próprio grupo vai definindo. Se a gente deixa fazer o que ele quer, ele acaba forçando, violentando os companheiros. Tem situações que a mim nem me violentariam e eu compreenderia perfeitamente, por exemplo, o “xingo” de um, o grito do outro, mas acontece que o próprio grupo reclama, começa a exigir que haja respeito, que não se use da violência. Então, junto com o grupo, a gente vai tentando buscar o limite, o que nem sempre é possível. Às vezes nós temos que viver a tensão, sofrer, não acertar.

Às vezes eles gostariam que a gente fosse a testa de ferro, ou que a gente usasse de uma autoridade máxima. Agora, é uma tensão que a gente sempre tenta trabalhar no grupo, na reunião, nas relações pessoais. E procura trabalhar principalmente fazendo alguma coisa. Ou cantando, ou na dinâmica, ou fazendo lanche, ou fazendo um artesanato, ou fazendo um passeio, ou celebrando uma missa, celebrando um aniversário. Se a gente fosse lidar com a tensão somente em termos da palavra, da reunião, ela ainda aumentaria mais. A gente procura uma forma de fazer algo juntos, isso vai educando também. Só palavra não ajuda.

Jorge – E muito mais no caso deles...

Ivete – E muito mais no caso... porque eles também acabam não ouvindo, e só um quer falar. Então é ele que oprime. É uma tensão que a gente tá convivendo e que ainda não tem assim uma receita. É cada dia, cada grupo, é com cada um. Na convivência eles sabem quem a gente é, qual é a da gente e a gente sabe qual é a deles. É uma tensão que, acho, a gente sempre vive, e que, com o conhecimento do grupo, as coisas vão ficando claras. Principalmente quando é possível a gente conversar fora das reuniões, das coisas da vida, do passado, dos acontecimentos da semana, que são conversas quase que de vizinho pra vizinho. Não de quem manda e não manda, quem é mais velho e quem não é mais velho. Essas conversas informais ajudam a explicitar um pouco que estilo de convivência nós queremos ter entre nós.

Regina – Acho que dentro dessa questão, dessa tensão do dar e não dar, acho que o princípio é que se tenha uma participação. Esse dar, às vezes, é uma relação também de troca. Às vezes a pessoa chega no centro comunitário pela primeira vez. De fato, ele não sabe o que é. Ele vem... precisa... Outro dia, veio aí um rapaz que estava com a roupa toda cheia de bicho, toda cheia de muquirana e ele... muquirana é um bichinho que dá na sujeira da roupa. E ele pediu uma roupa. Como naquele dia não era dia de feirinha como a gente costuma dizer, que é onde tem as roupas que a gente vende baratinho, pensei... procurei uma roupa e expliquei que normalmente a gente lidava de outra forma com essa questão de roupa, mas que eu tava vendo que ele necessitava. Disse que o dia que ele pudesse, trouxesse outra roupa que não servisse pra ele... Poderia servir pra outro. Atualmente ele faz um bico em uma padaria e sempre traz alguma coisa pra comunidade. Traz caixa de doce que o dono da padaria dá pra ele na hora da paga do serviço que faz. Então isso cria uma relação que não é da instituição. Não é isso que conta. Acho o que conta é você criar uma relação. E que não seja uma relação assistencialista. Uma relação de participação. Que no momento sou eu que dou, mas outro dia é ele. E também com relação às coisas, hoje você leva, você não tem, mas um dia que você tem uma coisa que não te serve você traz, que serve. É difícil, porque também na convivência, no dia-a-dia, às vezes, tem aqueles que podem querer se aproveitar. Mas aí você vai percebendo. Um dia você cai, noutro dia você não cai. E o princípio é de que participe. As formas dessa participação podem ser múltiplas, ela pode ser dentro de uma relação de amizade, hoje eu faço, amanhã você que faz. Então eu acho que é um pouco disso.

Jorge – Baseado numa conversa com Ivete, gostaria de retomar um assunto que ela colocou e que acho oportuno explicitar aqui. Entendi o seguinte: de tal maneira a população de rua vai aumentando, que até o fim do século o número vai ser tão grande que a sociedade terá que passar, necessariamente, a reconhecer este povo como cidadão com tais direitos, etc. Será que você poderia retomar e explicar melhor, Ivete?

Ivete – São observações e sentimentos que ainda não sei falar com precisão. Vou tentar explicitar. Por exemplo: quando se falava numa reunião que o poder público podia permitir que o povo morasse na rua, mas que em algumas regiões, a comunidade ia fazer abaixo-assinado e reclamar. Parece que quem respondia pelo poder público, achava que estava fazendo um grande benefício

em não tirar o povo daquele local. Aí eu disse que não via por aí. Que o poder público ou mesmo nós, nunca fomos os que permitiram ou não. Que tem sido uma conquista do povo, esta moradia. Porque pra ele ir pra baixo do viaduto, ele faz uma trajetória tão grande: psicologicamente, economicamente, ele se desfaz de uma série de coisas, ele precisa criar tanto que parece incrível. Por exemplo, se eu ficasse sem casa, eu ia chorar as mágoas. O povo da rua enfrenta uma situação de extremo abandono e ele é capaz de criatividade imensa. Porque você conquistar, morar ou numa praça ou debaixo de um viaduto ou na frente de um banco ou na frente de uma loja, pra mim isso é uma conquista imensa de um grupo ou de um indivíduo. Nós não temos nada que nos orgulhar à medida que dizemos: “então não vamos deixar tirar”. Se tiram o sofredor daquele lugar, ele tem tamanha garra, e uma perseverança imensa, que vai arranjar outro lugar. E outro ponto também é que morar na rua, acaba sendo uma solução economicamente muito viável. Porque às vezes para morar num cortiço, num quatinho que mal cabe uma cama, ele tem que pagar mais que um salário mínimo e viver dentro de extrema opressão. Então também ele acaba encontrando uma forma barata de viver, econômica e de uma criatividade imensa que a gente, no fundo, acaba tendo de reconhecer. E que acaba sendo solução. E pra famílias ou indivíduos que não têm renda, não tem outra solução do que se acomodar como pode na rua. Acho que vai ser uma forma, uma solução mesmo de viver.

Jorge – Nesse caso, qual seria o papel do poder público?

Ivete – Pra mim o papel do poder público seria possibilitar que os cidadãos, sendo eles da rua, tenham possibilidade e acesso a um mínimo de coisas, por exemplo à higiene, guardar algum volume, ter acesso a coisas como qualquer cidadão comum, trabalhando. Tem gente que diz que não se poderia pôr banheiro aqui na favela do Glicério, porque a prefeitura pretendia remover dentro de três a quatro meses. O povo poderia se acostumar. E a gente defendia: por que não pôr o banheiro por três ou quatro meses? Não é uma necessidade básica de qualquer ser humano? Não se põe banheiro pra três dias de carnaval? Por que não pôr banheiro mesmo que já se tenha claro que a favela será removida e por que não dar coisas boas por três meses ao povo? Por que ele não merece? Pra mim seria o direito de qualquer cidadão. Até numa praça deveria ter banheiro. Acho que, à medida que se melhora a qualidade de vida das cidades, se dá aos homens coisas boas, pode ser que ele não retorne do jeito que a gente imagina. Que ele, de homem de rua se transforme num varredor de rua, mas automaticamente, ele recebendo coisas boas ele vai produzir também coisas boas. Pra ele mesmo e pra sociedade.

Jorge – Ivete, você está partindo do pressuposto que está aumentando cada vez mais o número de pessoas e que o poder público não tem condições de possibilitar moradia. Então este pessoal está ficando na rua e vai ter que ficar mesmo. É isso, ou você vê de outra maneira?

Ivete – Eu não sei bem se é isso. Vejo também que na rua existem famílias ou pessoas que acabam depois, não sabendo mais lidar com a residência privada. Nós já tivemos casarões abandonados que o pessoal ocupou e que eles não souberam mais lidar, por exemplo, com a limpeza, com a organização da casa.

Parece que ele mesmo rejeita este tipo ou uma moradia privada. Ele prefere morar mais no coletivo. E eu acho que na nossa postura de brasileiro não se valoriza nada do coletivo. Por que uma população não pode ter por exemplo acesso a coisas comuns que sejam coletivas? Por exemplo: banheiros, lavanderias, privadas. Tenho lido sobre o Japão, parece que é uma história coletiva. Ninguém tinha banheiro em casa, nem chuveiro. Tudo era coletivo. Tanto que, dizem que na cultura japonesa, para morar, a família precisa de pouquíssimo espaço. Porque o resto você vai encontrar no coletivo, como é o próprio lazer, a própria praça. Agora com o aumento da população, sem condições de levar uma vida privada, eu penso que aponta pra alguma coisa que tem de ser coletiva. Porque essa população não tem condições de ordenar sua vida tanto individual como psíquica e economicamente; mas no coletivo, ela tem. Porque o coletivo também educa para a responsabilidade do uso comum. Aí eu vejo que a rua vai ser ocupada, queira a sociedade... goste ou não goste. Não tá na nossa vontade, mas tá na realidade que tá na nossa vista. Então, isso vai ter que ser organizado, principalmente as necessidades básicas. Eu acho impossível, por exemplo, que cada um tenha sua casa, mas acho que era possível idealizar um jeito de dormir... de dormir bem, num lugarzinho sem ser sempre debaixo da chuva, à mercê da violência. Que poderia se discutir um tipo de albergue moderno que respondesse melhor ao pensamento dessa população, que às vezes são homens realmente sozinhos. Então como ele pode dormir? Tem uma quantidade de homens que fazem um trabalho de paginação de jornal. O DCI, Shopping News, Folha de São Paulo... é uma população que trabalha de noite. Porque não poderia se pensar em permitir a esse povo dormir de manhã. Num tipo de albergue, num tipo de hotel, mesmo num tipo de alojamento. Eles acabam dormindo em praça, sentados e isso acaba deixando a pessoa muito mais fraca física e mentalmente. É gente que ganha pouco, mas poderia ter um apoio... se se pensasse que ele tem que dormir. E como poderia responder? Então ele pagaria uma taxinha? Então tem um albergue diurno? Que funciona das oito da manhã à uma da tarde? Mas ninguém quer pensar nada fora do que já está formalizado demais. Ninguém quer mais partir da necessidade, do que tá acontecendo. Ninguém quer sair do convencional.

Regina – Dentro desta questão que Ivete coloca, nós já tivemos até oportunidade de umas discussões com o poder público no caso da prefeitura, onde se abordava como melhorar a qualidade de vida das pessoas. E por que não de quem tá na rua? Aí, dentro de grandes discussões, o poder público não poderia legitimar este tipo de... este estilo de vida. Agora, não é o poder público que vai legitimar ou não. A vida acaba se legitimando... Eu também acho que nesses próximos anos, próximas décadas, a coisa tende a se agravar. Acredito que mesmo que se quisesse buscar soluções a curtíssimo prazo, seria impossível. Até por causa não só da questão de falta de moradia, de falta de trabalho, mas a de estruturação que as pessoas estão. E às vezes até a incapacidade de assumir, o que Ivete dizia, essa responsabilidade individual. Porque nós tivemos essas experiências na própria comunidade, de pessoas que, mesmo tendo a possibilidade de ter um lugarzinho onde ela pudesse ter essa individualidade, ela não conseguiu. Agora, por que não criar outros tipos que não sejam os convencionais, que possibilitem a qualidade de vida? Acho que é um dado real, a moradia na rua, o morador de rua é um fato.

IV. Tem sementes que germinam... e dão frutos

Nota Introdutória

A diversidade e complexidade dos fatores que irrompem e influem nas trajetórias de nossas vidas são imponderáveis.

Porém há fatos, pessoas, circunstâncias que certamente favorecem, criam condições e têm muito a ver com os nossos posicionamentos e decisões.

Vê-se que o espaço vital aberto pela Comunidade dos Sofredores de Rua foi possibilitando, criando condições, incentivando o amanhecer de perspectivas para muitos dos sofredores que dela participam, mesmo no caso daqueles que nunca deixaram a rua.

A Cooperativa dos Catadores é uma dessas perspectivas, um encaminhamento entre outros.

É sobre ela que nos fala um grupo de catadores de papelão.

Como anteriormente, aponto a seguir algumas das questões presentes na fala desse grupo: nossas representações com respeito ao lixo e, particularmente, a essa categoria de trabalhadores; a freqüente e decorrente discriminação dos papeleiros; a questão do trabalho, explicitada claramente em blocos anteriores, mas não só no que se refere às reais condições em que ele se dá, mas à sua própria conceituação na presente sociedade; a democracia enquanto procedimentos, relações, entaves... e conceituação.

Gostaria de destacar separadamente duas questões: as relações dos diversos grupos sociais (seus interesses e expectativas) e a rua, ou dito de outra maneira: que tipo de espaço se constitui a rua para o camelô, para o pedestre, para o sofredor, para a prostituta, para o catador...?; e finalmente, qual o real significado político dum trabalho com a população de rua, por vezes incluída na categoria de "lumpen"?

1. O CATADOR DE PAPEL: MAIS UM DISCRIMINADO?

Jorge – Vamos conversar sobre a cooperativa de catadores, pensando naqueles que gostariam de conhecer essa experiência. Que tal a gente se apresentar?

Carlos – Carlos Roberto Fabrício, nasci em São Manoel, interior de São Paulo e faz nove anos que trabalho com papelão.

Avelino – Avelino da Costa, nasci numa cidade do interior de São Paulo, chamada Relíquia, faz quase 9 anos que trabalho com papelão. Às vez dou uma parada e volto, mas tou sempre no papelão.

Mauro – Eu já perdi a conta do tempo que trabalho com papelão. Sou papelero porque não tenho outra profissão. Já trabalhei de ajudante de pedreiro, de ajudante de fábrica, mas sempre ganhando mixaria e nunca me dei bem. Então eu acho que a partir do momento que passei a trabalhar com papelão, com compra de jornal, garrafa, me dei melhor, passei a ganhar um pouco mais.

Jorge – Mauro, onde você nasceu?

Mauro – Eu sou do Paraná, de Curitiba. Comecei a trabalhar com papelão em 75 ou 76, não me lembro mais.

Lourival – Sou do Paraná, nasci no Ibaí-Paraná e me criei em Maringá. Vim pra São Paulo, caí na rua, e depois fiquei catando papel, já tô há mais de 6 anos catando papel com carrinho, mas é nas gráfica de papel.

José Batista – José Batista Lemos, Fortaleza, Ceará. Há dez anos que cato papelão.

Elias – Elias Pereira, do Ceará. Um ano e um mês que tô no papelão.

José Amado – José Amado, sou do Paraná, de Londrina, e já tem 9 anos que tô no papel.

Jorge – Que tal se contassem como começaram a trabalhar com o papelão? Mauro já estava adiantando...

Mauro – Eu não tenho uma profissão boa. O que podia fazer? Trabalhar de servente de pedreiro, ajudante de fábrica, ou pegá e vendê qualquer mercadoria aí na praça. Mas nessas modalidade aí, não me dei bem, então resolvi

comprar um carrinho e ser catador manual. Conhecia os depósito de apara de papel e achei que o ramo era mais rendoso, e que estava tendo mais liberdade. Peguei, fiquei e tô até hoje neste ramo aí. Não tenho de que reclamá, não, a não ser da prefeitura, às vez quando entra algum prefeito que não gosta da classe, né, que começa a atrapalhá a vida do papeleiro, tomando carrinho, ou então fiscalização muito rígida. Mas por mim, por enquanto está bom, não tenho muito a reclamá desse ramo não.

Jorge – Mais alguém que queira dizer como começou com o papelão?

Amado – Eu comecei a catá papelão logo que fiquei na rua, que depois do último lugar que eu morei, uma pensão, fiquei na rua e vi outras pessoas catarem papelão e de início eu tinha vergonha de pedi as coisa. Aí conheci uma pessoa que catava papelão e: "Ó, faz o seguinte, você sai aqui na carroça comigo, a gente cata os papelão e vai vendê". Aí foi como passei a conhecê o ramo, a sabê o valor do papelão, o que podia se vendê, garrafa, metal, enfim, tudo que se comercializa. E dessa maneira comecei a catar papel. Antes, eu tinha profissão, sou balconista de farmácia, trabalhei durante 11 anos, mas depois que aprendi catá papelão, acho que é melhor... é um trabalho que rende mais do que você ser empregado.

Jorge – Amado, dá para explicar um pouco mais a diferença entre esse trabalho agora e o emprego comum?

Amado – É porque devido à política salarial que existe em nosso país, a gente ficá preso a um trabalho durante 8, 10 horas por dia e o que ganha no fim do mês não compensa, né? É um trabalho escravo, você fica ali, preso a horário, a rigidez, sujeito a patrão, a gerente, a muitos aborrecimentos e o ganho no fim do mês não é compensador. Já no papelão você ganha mais do que muitos trabalhos que tem por aí e é um trabalho mais livre, onde você ganha aquilo que você produz. Apesar que no início, quando se começa a catá papelão, a gente fica sempre sem jeito, mas não pela gente, mais pelas pessoas que te conheceram no emprego que você tava, quando vê você catando papelão, tem muito preconceito, muitos até se afastam, acham que você ficou louco... Encontrei colegas meus, quando passei em frente à farmácia onde trabalhei, que veio conversá comigo e disse: "Mas o que é isso?! Acho que você ficou louco, perdeu o juízo, fazê um tipo de trabalho desse!" Então, ele não conhece aquilo, não sabe que é rendoso, que é bom e tem um preconceito do trabalho que você faz.

Jorge – Alguns dias atrás, eu estava em Belo Horizonte, com alguns papeleiros. Eles comentavam como o pessoal olha para eles como se fossem, sei lá, ladrões. E pelo que você está contando, parece que às vezes aqui acontece a mesma coisa. Seria interessante também conversar sobre isso. Mais alguém que queira falar?

Carlinhos – Eu comecei a catar papelão em 1979, 80, por aí, quando houve aquele desemprego grande. Eu era soldador 2 na Cosipa, em Cubatão, mas

através da bebida perdi os documentos e já tava no desemprego, não arrumava serviço. E sem documento pra apresentá, aí piorou. Entrei em desespero, né, fui perdendo o que tinha, ficando só com a roupa do corpo e via os outro catando papelão, mas nunca pensava que aquilo daria para sobreviver. Aí comecei a perguntá pros cara que tinham carrinho, e eles começaram a me informá que dava pra comê, dava pra bebê... Aí foi que comecei catá papelão, e tô até hoje.

Jorge – E esse negócio de como são tratados, visto pelas pessoas?

Carlinhos – Depois de um certo tempo é que a gente vai percebendo a marginalização da população para entender o catador de papelão. Um fala que é catador de lixo, outro que é ladrão, presidiário, desocupado, tá fazendo aquilo por... às vezes pensam até que a gente tá brincando com aquilo, com o serviço, essas coisinha.

Avelino – Comecei também quando caí na rua, isso lá em 82. Tava dormindo na rua, não tinha nada, não arrumava serviço e a primeira coisa que comecei a catá, foi caixa de tomate. E ia no mercadão aqui e vendia as caixa pra poder comê. Aí andava eu e Nésio, um colega. Um dia foi outro colega da gente com um pacote de papelão pra forrá o chão pra dormi e falou: “de manhã cedo, nós vai vendê esse papelão” Aí fomo vendê. Daí vi que dava dinheiro, tirá uns troco pra se alimentá. Aí, eu e Nésio começamo a trabalhar junto. Eu ajuntava papelão e outro tomava conta do papelão até certa hora do dia, aí ia vendê, e à noite também, um tomava conta do papel que a gente catava e outro ia juntando e amarrando e de manhã cedo nós vendia.

Um dia conhecemo a comunidade... tava bem no início, não tinha quase nada. Só tinha sopa, né, não tinha trabaio nenhum. Aí teve a missão que o povo da rua sempre faz, e era preciso recadá dinheiro pra missão. A opção pra recadá dinheiro foi o papelão. Deu uns troco legal pra missão. Daí em diante a gente começou a catar junto também, como associação. Começamo a fazê o Gasparzinho*, daí em diante começamo a ter força, veio o Amado, veio Amélia, um grupinho que começou: Amélia, Nelso, eu, Zé Francisco, um falecido... depois veio os outro, né. Se fundou a associação em 84, ainda época que o Jânio Quadros perseguia muito os carroceiro. Quando fizemo a associação, a Erundina fez presença. Ela era vereadora. Firmou compromisso com os catador de papelão... não lembro o que ela disse, mas teve presente. E hoje a presença dela tem sido muito importante pra gente. Ela não tem perseguido a gente... talvez não tenha sido dos melhores, mas não atrapalha a vida da gente.

Lemos – Comecei a catá papelão com um amigo meu que já é falecido, carregávamos na cabeça. Já tive várias profissões: auxiliar de depósito de material, auxiliar de armador, auxiliar de ferragem, auxiliar de confeitiro e padeiro: mas por causa da bebida cá na rua e comecei a catá papelão.

* Gasparzinho: Nome dado ao primeiro carrinho manual da comunidade, para carregar papelão.

Conheci a comunidade em 83, já tinha duas carroça, uma incompleta que ajudei a construir, que é o Gasparzinho. E hoje me sinto bem, e como o Carlinhos citou, a perseguição, que nós não somo reconhecido como trabalhador, mas é um trabalho digno e nós temo muita honra e satisfação de trabalhá como catador. E uma demonstração grande é que até um padre francês já andou comigo catando papelão.

Mauro – Bom, eu não quero contradizê o meu irmão aí, o José Amado, que ele falou que esse trabalho é um trabalho muito bom... tudo bem... é um trabalho razoável. Na minha opinião é um trabalho normal, porque a gente tá contribuindo com o governo também. O povo não quer reconhecê, e quando vê um papeleiro catando papel na rua ou puxando um carrinho, a maioria da população acha que aquilo lá é um marginal, que aquele é um último degrau que uma pessoa podia chegá. Então o povo pega e às vez trata a gente assim, com desdém. Não pensa que aquilo que a gente tá pegando, uma garrafa, um papelão, um jornal, tá sendo material recuperado, tá indo para as fábrica, recuperando e voltando pra praça outra vez, quer dizer que o catador está colaborando com a economia do país, quer queira quer não, é assim. A gente é pequenininho mas tá colaborando. Mas muita gente quando vê um papeleiro não reconhece que ele tá colaborando! Então é isso aí que revolta às vez a gente. Mas quanto ao trabalho, é um trabalho normal.. Se eu sair desse ramo, vou ter que trabalhar de ajudante geral, que não ganha quase nada. Ou então de servente de pedreiro, que também são uns judiados, que eu já trabalhei nesse ramo, já passei até fome! Outra coisa: do jeito que o Amado falou aí, dizendo que esse ramo é um ramo muito bom... ele falou sem má intenção... dá até pra incentivar outros aí, como se fosse um ramo muito assim... profissão que ganha muito! Nada disso! A gente ganha razoável.

Jorge – Houve uma época que vocês lutaram para ver se o trabalho do catador podia ser reconhecido legalmente como profissão, né? Chegaram a conseguir alguma coisa?

Mauro – Não, isso de serem reconhecido como trabalhador normal, com carteira assinada – acho que é isso que você quis perguntar – isso aí eu acho que nunca vai chegá e nem é bom sonhar... Existe pessoas bem intencionadas criando uma cooperativa, querendo, é lógico, dar assistência ao papeleiro e a gente tá procurando se unir e fazer o possível, pra, pelo menos, ser cadastrado na prefeitura e ter um pouco mais de assistência até dos órgãos público. Mas ser reconhecido como trabalhador normal, acho que nunca vai acontecer porque a população é contra a gente.

Agora, muita gente acha esse ramo paupérrimo... que não tem nada a ver com a economia do Brasil. Mas se não tem, por que a prefeitura agora inventou essa tal de coleta seletiva? Tendo até propaganda em televisão e trazendo o povo pra olhar melhor pra aquele ramo? A prefeitura tá se metendo nesse ramo! Quer dizer que o negócio não é tão paupérrimo como muita gente pensa, é só pegar e olhar a profissão por aí, que a população vai chegar à conclusão que o

papeleiro tá até sendo tirado desse ramo pra entrá outra parte de bacanas aí que querem tomá o lugar da gente!

Avelino – Acho que o preconceito no Brasil ainda é muito forte, principalmente quando uma pessoa anda sujo, ou é negro, ou anda trabalhando na rua. Pra mudar isso, ainda vai ser preciso se educar muito na televisão. Porque a gente mesmo é preconceituoso, né? Se não tiver um meio de divulgar o nosso trabaio, de dizer que não samo marginal, de dizer que o trabaio da gente é honesto, que dá benefício, acho que não muda. E acho que é por aí que tá se começando, penso que a Erundina tava querendo mostrá um pouco que o trabalho da gente tem valor, né, tanto é que ela não interfere no nosso trabalho. Na televisão tem tido comercial, mas não diz nada sobre a gente, se diz que a coleta seletiva tem valor. Eu acho que é por aí que começa. Enquanto o povo não notá que o nosso trabalho tem valor pro próprio meio ambiente, pras árvore, pra nós mesmo, pro próprio benefício da cidade, não vai mudar não.

Jorge – Avelino, tem muito sofredor de rua que trabalha no papelão?

Avelino – Tem sim. Mas eles trabalham mais pra pinga, é a única colsa que atrapalha a vida, né? Eles catam, tomam uma pinga, mas não tem um objetivo firme, é mais pro mezinho e mais nada.

Jorge – Então quer dizer que tem dois tipos de catadores, né?

Avelino – Tem dois. Tem o que é firme e tem o que toma uns mé e só cata pro mé.

Amado – A respeito da pergunta do Jorge, quanto ao reconhecimento do catador de papel como profissão, houve um tempo que a gente fez um projeto e mandamo pro Ministério do Trabalho, pra gente ser reconhecido como trabalhador; não houve retorno, acho que não chegou até lá. Agora, aqui em São Paulo, a Luiza Erundina fez um decreto em que ela reconhece o trabalho do catador, à medida que ele se organizar em associações, cooperativas, enfim, trabalhando de forma organizada, a prefeitura – enquanto a Erundina estiver lá, depois não sei – cede espaços, dá apoio, ajuda. Acho que é essa grande força que tem, porque o decreto não tem força de lei. Enquanto a prefeita estiver aí, este decreto é válido, a gente pode trabalhar tranqüilo, mas quando um outro prefeito chegar, pode aceitar ou revogar. E isso faz com que a gente possa realmente trabalhar tranqüilo, pra que não aconteça mais o que aconteceu no governo Jânio Quadros, em que ele proibiu a catação de lixo, respaldado na Lei do Lixo. Nessa lei tudo que a população descarta é considerado lixo, não fala do reaproveitável. A partir do momento em que se coloca na calçada é considerado lixo e só a prefeitura e empresas autorizadas podem recolher. Então nós estamos pensando entrar, com a ajuda de alguns vereadores, com um projeto para modificar esta Lei do Lixo, onde vai ser bem específico o que é lixo, o que é descartável, o que é reaproveitável. Então o catador de papel trabalharia tranqüilo e qualquer prefeito que entrasse aí não poderia interferir.

Mauro – Deixa eu fazer uma pergunta pra você: tudo bem, mas já não tá sendo feita a coleta seletiva aí, já não foi implantada?

Amado – O que estou querendo explicar é o seguinte: a lei é a lei. Então, existe uma lei que é a Lei da Limpeza Pública, a Lei do Lixo, que chamam. E foi respaldado nesta lei que – é claro que espero nunca mais ter um outro Jânio Quadros na prefeitura – o Jânio resolveu acabar com a catação de papel. Foi aquela perseguição, tomando carroça... Pode vir outro Jânio e começar tudo de novo. E a gente não tem força pra lutar contra, porque é uma lei. Então é preciso haver uma mudança dessa lei pra que se trabalhe.

Quanto à coleta seletiva, se for proibida a catação de lixo, acaba a coleta também, você entendeu?

Mauro – O que vai fazer a prefeitura...

Amado – A prefeitura faz a coleta seletiva, mas não impede que os catadores catem papel, ela não interfere no catador. Só é feita a coleta seletiva em Vila Madalena, aí a população coloca os descartável na rua. Se o catador passar e pegar a sacola da prefeitura com os descartáveis, ninguém interfere, isso a gente foi lá e viu, presenciou.

Mauro – Bom, mas isso aí eu estou contente de ouvir.

2. NA PROCURA DE OUTRAS RELAÇÕES E CONDIÇÕES DE TRABALHO

Jorge – Que tal se a gente conversar um pouco sobre a cooperativa? E seguindo uma sugestão do Mauro, dizer como se chama a cooperativa, o endereço dela, etc.?

Amado – A nossa cooperativa se chama “Cooperativa dos Catadores Autônomos de Papel, Aparas e Materiais Reaproveitáveis”, a sigla é “Coopamare”. A sede fica na Rua dos Estudantes, 483, na Liberdade. Ela surgiu a partir da Comunidade, com o grupo que iniciou um trabalho, porque a Comunidade sempre se preocupou com o ganho do sofredor de rua. O sofredor cata papel, estaciona carro, faz bico, outros pedem... Então, a Comunidade via com muito carinho esse trabalho do papelão... E esse grupo então começou pequenininho, catando na cabeça, depois foi feita uma carrocinha pequenininha para poder entrar no quintal da casa, e o grupo foi crescendo. Em 83, por ocasião duma missão, fizemos um mutirão. Então, numa casa velha a gente começou a juntar papel e vendeu, deu um bom dinheiro e depois continuamo a trabalhar em grupo, juntava tudo nessa casa e depois vendia, e dividia o dinheiro. Não deu certo. Conseguimos uma balança, onde cada um chegava, pesava a sua mercadoria... E um detalhe importante: desde o início, de tudo que a gente trazia, sempre foi retido 10% pra manutenção e fazer outras carroças, é o que

continua até hoje. E daquela carrocinha, então, com estes 10%, foi feita uma, mais uma, mais outra...

Jorge – As carroças eram da Comunidade?

Amado – Eram da Comunidade, e feito com o dinheiro do catador mesmo. E o grupo chegou até a uns 10 trabalhando assim, até o ano de 88... Em 84 foi fundada a associação dos catadores. E a associação chegou a ter mais de 100 associados. Ela foi criada para defender o catador juridicamente, pra reivindicar, pra unir o catador, pra poder ter direito das coisas, direito de reivindicar. A gente tinha uma carteirinha...

Jorge – Principalmente por causa da perseguição do Jânio...

Amado – Tinha muita perseguição, então foi feita a associação. Só que a Associação, economicamente, não trazia vantagem pro catador e o grupo tava sempre restrito. Foi pensando em abrir o grupo, crescer, que outros tivessem esta vantagem de juntar papel juntos, de ter um preço melhor, é que se pensou em fazer uma cooperativa. A partir daí fizemos reuniões, em que se estudou... O Paulo de Tarso nós conhecemos também nessa época, que veio assessorar, e pertencia à Senacoop*, um órgão extinto, e que veio nos trazer o que é o cooperativismo, as vantagens da cooperativa. Depois foi criado o estatuto.

Jorge – Mas vocês demoraram um tempo, discutiram bastante antes de tomar esta decisão, né?

Amado – Sim, foi um processo... Discutimos... muitas reuniões pra se chegar a esta decisão, de que valia a pena criar a cooperativa. Depois que a gente viu que valia a pena, em maio de 88 foi criada a cooperativa.

Gostaria de falar sobre os objetivos da cooperativa. Ela é uma empresa de pessoas, onde o catador entra com uma pequena cota à parte, que é 20% de um salário, vigente, e que...

Jorge – Para se associar?

Amado – É. Mas a cooperativa não visa lucro, aumentar o capital, e sim prestar um serviço ao catador para que aumente o seu ganho. Ela pega a mercadoria do catador e procura o melhor preço e o catador vai ter esse preço com o ganho.

Jorge – Quanto que vocês pagam pelo papelão agora, e quanto pagam os depósitos?

Amado – Atualmente, o cooperado tem recebido pela mercadoria 5 cruzeiros livres, por quilo de papelão. Nos outros depósitos deve estar em torno de 3,

* Senacoop: Secretaria Nacional de Cooperativas.

3,50. E a outra vantagem que tem é que o catador, pra entrar na cooperativa tem que ser autônomo. Então ele recolhe a previdência social. Ao entrar vai ter que conhecer o estatuto, o que é cooperativismo e saber, ter consciência do trabalho dele, que é um trabalho importante, tanto pro poder público quanto pra ecologia, e o valor que tem o trabalho. Acho que é mais ou menos isso aí, o pessoal acrescenta.

Jorge – Quem cata papelão aqui em São Paulo? Parece que tem o catador manual, mas também tem kombi...

Carlinhos – Sim, existe o catador na rua que cata manual, com carrinho, e existe também caminhão, perua, carrocinha de cavalo, tem empresa também que cata o papelão na rua.

Jorge – Mas a Cooperativa é só para o catador manual?

Carlinhos – A Cooperativa é formada por catador manual, só para eles, não para outro.

Jorge – Mas por que vocês aceitam só o catador manual?

Carlos – Porque o catador de papelão tava mal pago, anda baixo ainda. Agora, a pessoa que tem uma kombi, tá na frente. O que faz esse pessoal da kombi? Às vezes ele, enquanto o catador de papelão cata de uma rua, ele cata de um quarteirão todo. Isso desvaloriza o catador de papelão, dá prejuízo, e faz com que ele não venha catar o papelão.

Jorge – Falemos das vantagens que vocês vêem na Cooperativa? São mais ou menos as que falou o Amado?...

Lemos – As vantagens é muito boa porque nós não temo patrão, o patrão é nós mesmo. E dá pra nós trabalhá e ganhar o suficiente, dá pra se manter tranquilo, a não ser que a pessoa seja muito gastão.

Lourival – A cooperativa é bom porque é um sentido só de crescer, ela nunca é uma coisa que pare ou morre, ela só vai crescendo e vai aumentando e todos se interessam, porque ele é patrão e é empregado, manda em si mesmo.

Jorge – E o voto? Como é o voto, por exemplo, quando o pessoal tem que tomar decisões? Parece que tem cooperativas onde o voto daquele que tem mais dinheiro, que tem mais poder, tem maior peso. Nesse caso, a cooperativa é dirigida pelo pessoal que tem mais. Como que vocês tentam lidar com esse problema aí?

Carlinhos – O voto da Cooperativa é de acordo com os cooperados, cada um tem direito a um voto, sendo que cada um vale um voto só e sendo todos iguais, não existe nenhum mais que o outro... acionista.

Amado – O estatuto reza que é um cooperado um voto. Se chegar um cooperado um dia e falar: “Bom, eu compro, quero ter mais de uma cota-parte”, ele pode entrar, mas no estatuto está que ele só vale por um voto, cada cooperado um voto, não é cada cota-parte um voto. As decisões da Cooperativa são tomadas em assembléia. O poder da Cooperativa não tá na mão dos diretores, e sim da assembléia geral. Eles são obrigados a acatar o que a assembléia geral decidir. A gente criou assim para não ter perigo de chegar um presidente geral e...

Mauro – Um resumo do que o Carlos e o Amado falou. A Cooperativa é diferente de uma empresa normal, que tem aqueles acionistas e um tem mais poder que o outro. Aqui, não, na Cooperativa é diferente. Ela procura o lucro somente dos seus componentes, sem explorar ninguém. Não é um componente ter mais direito do que o outro, só porque compra 100 cotas ou 5 cotas; todo mundo é igual! Cooperação total, união, em partes iguais, nada de exploração!

Jorge – Bom! Vocês falaram sobre as vantagens da Cooperativa. Perguntaria assim: tudo é positivo ou há dificuldades? Uma vez, um de vocês comentava que uma dificuldade era a mentalidade do catador, que se acostumou a ter patrão e... Pergunto: até que ponto o pessoal tem esta mentalidade que Mauro estava comentando agora, que todo mundo é igual?

Mauro – Claro! Cooperativa é isso.

Jorge – Sim, mas na prática, digamos, o pessoal entende isso? Como é que faz?

Mauro – Às vez pode ficar até aquele sentido de que tá havendo manda-chuvas lá dentro, mas não é assim. É que tem que ter dirigente mesmo, alguém que toma conta. Certos componentes têm aquela impressão que tem fulano que manda demais, mas não é assim. Se ninguém tomar conta, como é que vai fazer? Se for cada um por si? Aí pode virar bagunça. Quer falar?

Avelino – Eu queria falar sobre as vantagem. Comparando com o depósito, eu acho que tem vantagem, uma vantagem de uns 30%, por enquanto. Depois, a gente chega, tem um banho pra gente tomá, pode dá uma descansada, tem a balança que é honesta, tem o pagamento que é honesto, tem um local pra você, por exemplo, quisé deixá um dinheiro, deixa com o Carlinho pra ninguém roubar, pega só o de comê e...

Jorge – Fala um pouco, Avelino, sobre esse negócio da balança. Porque quando estive em Belo Horizonte, os papeleiros me falaram que é brabíssimo esse problema da pesagem do material.

Avelino – Eu sou um dos primeiros a chiá se a balança não tivé certa. Pode perguntá pro Carlinho... e tá sempre certinha, não tem... a balança daqui é certinha, não tem erro.

Jorge – O que acontece com a balança nos outros lugares?

Avelino – Se for em algum depósito você pode levá uma carga de 50 pesa 30. Não sei o que eles fazem com a balança que não pesa direito. Quando não roba na balança roba na conta. Isso sem contá que o preço é baixo. Isso não tenha dúvida, quem quisé experimentá é só levá lá papelão pra vê qual é a diferença.

Amado – Quanto à dificuldade em passar para os outros catadores, é que o pessoal já está acostumado com o patrão, porque este é o modelo que existe em todo lugar, é onde um manda e os outro são empregados. E o pessoal não entende muito bem. Eles têm na cabeça que quem tá na balança aí, é o dono da Cooperativa.

Jorge – Já há uma mentalidade...

Amado – É. Tem também a questão da organização; ter reunião semanal, responsabilidade, serviços dentro da cooperativa, o pessoal não gosta muito. Esta é a grande dificuldade nossa. Mesmo com esta diferença de preço, temos dificuldade de aumentar o quadro de cooperados. É difícil trabalhar com catador nesse ponto. Você faz uma reunião e fala: olha, isso aqui é uma cooperativa, você vai entrar, conhecer o estatuto, vai ser dono disso aqui... ele acha que ser dono é ficar aqui dentro, é mandar e receber o lucro da Cooperativa, ele não entende muito a democracia, a divisão por igual, essa coisa.

Avelino – Eu queria dizê mais ou menos como ele... Dum lado a gente precisa trabalhá, mas tem que tá junto na cooperativa, às vez não dá pra juntá os dois, isso é muito difícil. Dá pra gente, porque a gente procura segurá, mas pra muitos que começa logo de cara, têm que carregá caminhão... “Ah, puxa vida, tenho uma carga que pegá lá em cima, tê que carregá caminhão...” e não dá pra ele, né? Pra muitos acontece isso. Por isso que tem cooperados que não param aqui. Tem que carregá caminhão, tem as reuniões, e isso ocupa o tempo dele tá na rua, tá catando, trabalhando, então ele já prefere... “eu prefiro tá na rua, no depósito, do que tá aqui, pelo menos não tô carregando caminhão, não tô indo em reunião”. E não é nada disso, é que a pessoa não entende mesmo.

Jorge – Quando a cooperativa começou, vocês tinham praticamente uma ou duas balanças. Hoje já conseguiram comprar uma empilhadeira, uma trituradora, uma prensa hidráulica, tem o caminhão... Quais são os planos que vocês têm pela frente?

Carlinhos – A gente pensa em prensá o papel e vender diretamente pra fábrica.

Jorge – Quando a prensa for instalada, vai trazer mais vantagem?

Carlinhos – Seria outra vantagem, seria o último pulo, acho. Mas ainda se tem um pensamento... a longo prazo, se desse pra fazê alguma coisa como plástico ou papel higiênico. Mas isso é pra muito longo prazo.

Amado – Só completando o que o Carlinhos disse, que a gente conseguiu toda essa estrutura através de um financiamento do BNDES e outros órgãos, como o CESE*, e algumas pessoas que nos ajudaram a adquirir toda essa estrutura que tá aí: caminhão, prensa, 30 carroças novas, e pro futuro a gente chegá na fábrica e reciclar o papel de qualidade inferior, fazer papel toalha, papel higiênico, ou esse plástico fino, também é fácil de processar. Isso é a longo prazo.

A médio prazo, a gente vai entrar nas indústrias e repassar este preço pros catador. Acho que a partir daí é que outros virão para a cooperativa, porque o preço da fábrica provavelmente vai ser, não digo o dobro, mas pelo menos 40%



Catadores da Cooperativa, trabalhando na prensa hidráulica.

* CESE: Coordenadoria Ecumênica de Serviços

a mais do que a gente consegue hoje, então acho que aí o catador vai vir. A gente tem que tá preparado pra fazer uma estrutura, conscientizar e aumentar o quadro de cooperados.

Avelino – Eu queria lembrá que fora a sede, a gente já tem um núcleo. É um pessoal que trabalha na Vila Mariana. A prefeitura cedeu um viaduto, meio sem-vergonha, mas cedeu. Ela limpou um pouco e foi feito um muro, um barraquinho e tá tendo agora um local também da Cooperativa.

Amado – Um dos planos da Cooperativa também é montar núcleos no maior número de bairros possível de São Paulo. Esses núcleos que já têm na Vila Mariana, são pequenos núcleos de armazenagem, onde vai se recolher e armazenar o papel.

Jorge – Ou seja, os catadores que estão mais longe, em lugar de trazer o papel aqui, levariam para aquele bairro?

Amado – Isso, armazena lá no bairro, a cooperativa vai, retira esse papel, prensa, processa e repassa pra indústria. Então a gente tá pensando em fazer vários núcleos e para isso conseguiu locais.

3. O COMPROMISSO COM A VIDA PASSA PELA DIGNIDADE, A CIDADANIA, A BUSCA E A LUTA SOLIDÁRIA

Jorge – Bom, poderíamos fazer uma última rodada e quem quiser falar sobre a cooperativa, sobre o catador, coisas que vocês queiram comentar e aí vamos encerrando.

Mauro – O Amado falou que quando se passar a prensar o papel e entregar direto pra fábrica, o preço será melhor, isso atrairia mais pessoal, mais integrante pra Cooperativa. Até aí tudo bem, mas o que tem que ficar bem claro é que o objetivo mesmo não é pegá e pagá sempre o melhor preço, o objetivo é integrá o pessoal que chega na Cooperativa, fazer ele vê a coisa sob outro ângulo, dá mais valorização ao seu trabalho, reconhecê que o trabalho dele é útil na sociedade.

Avelino – Acho que o objetivo é de coisa positiva pro catador. Que se unam pra mostrá pra sociedade que o trabalho dele é decente, pra consegui ter um bom rendimento, pra que possa ter um lugar pra morá, ter uma boa alimentação, que ainda o ordenado que a gente tem, não é dos melhores... Então não é bem como o Mauro tá dizendo, que tem só objetivo e não tem lucro, eu acho que é tudo, é em geral, né?

Carlinhos – Falando em objetivo, recolhendo papel e a Cooperativa crescendo, vai ser bom não só pro catador de papelão, mas para o meio ambiente também, porque a matéria-prima que se joga fora hoje é muita, está enterrada nos lixões

por aí, e ainda causa problema pra saúde. Então, se esse material for todo reciclado... Isso também é objetivo.

Lourival – Eu queria falar um pouco de que é feito este papel. Do eucalipto, do pinho, que é plantado muito no Paraná, nas terras mais fraca e abandonada de Santa Catarina. O papel é muito reaproveitado, tem utilidade para muita coisa.

Amado – Eu gostaria muito que aparecesse nessa revista que vai circular em vários lugares, que o povo do Brasil em geral olhasse o catador de papel com mais respeito e que tenha consciência de que aquilo que muitas vez é jogado no lixo, ou descartável, tem valor e pode ser reaproveitado. Porque a gente sabe que em toda cidade onde tem indústria, ou mesmo uma cidade de médio porte, existe catador de papel. Então ao invés da pessoa jogar no lixo, que ajude o catador de papel no seu trabalho, que valorize ele mais, que ele tá ganhando o seu sustento, que aquilo não é um trabalho degradante, muito pelo contrário, é um trabalho que ajuda até o país, economiza divisas pro país, daí que ele move uma economia muito grande.

Lemos – Em nome da Cooperativa, muito obrigado.

Avelino – Sobre o meio ambiente. Em São Paulo se recolhe muito lixo e a maioria vai pra aterro e tem material que demora anos se derretendo embaixo da terra. Isso prejudica a água que a gente bebe, prejudica principalmente o ar, porque solta um gás fedido, forte, inclusive pega fogo. Nosso trabalho também economiza principalmente as árvore, deixa de derrubá muitas árvore. E também, se eu não me engano, há um ano atrás aí, uma empresa cobrava não sei quantos dólar por tonelada, e a prefeitura pagava. A gente recolhendo um pouco deste papel, tá fazendo uma economia pra prefeitura e para o povo que paga, né? Então, pra que vejam a importância do nosso trabalho.

Mauro – É como Avelino falou, nós já estivemos em vários setores aí que aterram o lixo e comprovemo pessoalmente. Já pensou se não existissem catadores, se a prefeitura também não catasse, e se todo esse lixo que é jogado fora, fosse pros aterro, acho que não existia mais espaço em São Paulo! Então, a população devia ser melhor esclarecida nesse ponto, deixá pelo menos o cateiro que tá catando papelão, ou na cabeça ou no carrinho, trabalhar, ele tá se virando, não tá pedindo esmola pra ninguém. Apareceu na televisão aí, um falando sobre a coleta seletiva. Por que a prefeitura não pega e escolhe também um catador qualquer aí, com carrinho ou na cabeça e mostra na televisão e pede pra população respeitá melhor aquele homem, e explica que ele tá cooperando?

Amado – Acho que nós não falamos do código de ética. A Coopamare, além do estatuto e do curso que ministra pra que aquele que quer entrar conheça o que é a cooperativa e o cooperativismo, ela tem também um código de ética, que todo catador pra trabalhar conosco tem que conhecer. São 10 itens, onde diz como que ele deve trabalhar, coisas que deve fazer, e coisas que ele nunca

deve fazer, como espalhar lixo na rua, deixar o carrinho na rua atrapalhando o trânsito, e outras coisas mais. Então, existe também o nosso código de ética.

Jorge – Daria para, antes de encerrar, explicar mais um pouco sobre esse código, como nasceu, quem fez...?

Carlinhos – O código é assim, que toda classe de trabalhador tem seu código de ética, o nosso foi criado por nós mesmo, os catadores de papelão. Os companheiros vieram a ser sócio da associação, depois cooperaram para a criação da cooperativa; eles dizem o que pode e o que não pode fazer no trabalho. Por exemplo, a pessoa rouba um objeto na rua e vende à cooperativa, sendo que aquele é um objeto que não comercializamos. Então, a pessoa tá fugindo ao código de ética. Outras coisa que tem no código: a pessoa pegar a mercadoria na rua e vender pra outro que não seja cooperado, também é uma regra que a gente tem, assim como uma pessoa que não é cooperada tem uma mercadoria fora da cooperativa, o cooperado vai lá, apanha a mercadoria e vende em nome dele para o outro que não é cooperado. Pra nós é errado. Então o código de ética foi feito por nós mesmos, cooperados, catadores de papelão. Se um dia eles errarem, vão errar sabendo que estão errando.

Amado – Acho que a Coopamare tem futuro. Pode crescer de maneira muito acentuada, porque se imagina que São Paulo tem em torno de 10 mil catadores de papel, incluindo famílias inteiras que catam.



Algumas crianças fizeram o cartaz que portariam ao longo da caminhada.

A Cooperativa não foi criada pra um núcleo de pessoas. Foi criada para uma categoria de trabalho, para organizar uma categoria que existe e que enriquece uma meia dúzia de pessoas em São Paulo. Todo mundo sabe que aparistas são pessoas riquíssimas, que trabalham com papel reciclado, que é o grande atravessador, e que constroem verdadeiros impérios em cima dessa categoria. Então a pretensão da Coopamare é organizar esta categoria para que este ganho, esta fortuna que meia dúzia só acumula, seja distribuída de maneira justa pro próprio trabalhador, para que ele saia da favela, ou que melhore o seu barraco na favela, pra que ele consiga alugar uma casa decente, consiga se alimentar, se vestir, que ele tenha uma vida como ser humano, mais digna. O objetivo maior da Coopamare é este: criar uma grande cooperativa pra uma categoria de trabalho, pra uma classe que tá aí, marginalizada.



CADERNOS DE EDUCAÇÃO POPULAR 19

"O presente caderno abre seu espaço para que grupos do povo da rua falem da sua vida, da sua história, das suas expectativas.

São grupos que mantêm contato ou participam de uma experiência — A Comunidade dos Sofredores de Rua — acompanhada e animada por uma equipe de oblatas beneditinas, na Baixada do Glicério, São Paulo. (...)

À medida que os interlocutores revelam com coragem e simplicidade suas histórias pessoais, que são sociais, perfilam-se problemas complexos e questões desafiantes que dizem respeito a nossa sociedade, nos seus próprios fundamentos."

Jorge Vicente Muñoz

Coleção: Cadernos de Educação Popular

- N° 1 — Para Analisar Uma Prática de Educação Popular — Educação Popular. Um Depoimento — Beatriz Costa e Bernard von der Weid
- N° 2 — Depoimento: Fala um Operário — Equipe do Nova
- N° 3 — Conversando com os Agentes — Saber Popular/Educação Popular — Aída Bezerra e Pedro Benjamin Garcia
- N° 4 — Só a Gente Que Vive é Que Sabe — O Que é a Seca — Equipe do Nova
- N° 5 — Movimento dos Trabalhadores. Um debate — Equipe do Nova
- N° 6 — Do Fruto à Raiz — Zeca Tiago
- N° 7 — Saúde e Educação Popular — Equipe do Nova
- N° 8 — Alfabetização de Adultos — Equipe do Nova
- N° 9 — O Trabalhador e a Produção Hoje — Equipe do Nova
- N° 10 — MEB: Uma História de Muitos — Maria Aída B. Costa, Vera Jaccoud e Beatriz Costa
- N° 11 — Agora o Mundo Não é Só o Nosso Lugar — Gustavo Lyra
- N° 12 — Por Que as Crianças Não Gostam da Escola? — Luísa Castiglioni Lara
- N° 13 — Educação Popular em Debate — Vários Autores
- N° 14 — África Atual: Três Histórias, Várias Questões — João Bosco Feres, Valdir Carlos Sarapu e Irene Loewenstein
- N° 15 — Produção Associada: Pensares Diversos — Beatriz Costa, Ivandro da Costa Sales, Carlúcio Castanha e Francisco Lara
- N° 16 — A Quem Pertence a Informação? — Washington Novaes
- N° 17 — Alfabetização de Adultos na América Latina — Vários Autores
- N° 18 — Memórias de Um Raizeiro — Izídio Salustiano Diniz
- N° 19 — Porque a Vida... Viver É Um Compromisso — Jorge Vicente Muñoz



Uma vida pelo bom livro

Nova

ISBN 85.326.0701-2



9 788532 607010